

Ômolubá

Coleção 3 MEMÓRIA DO SANTÉ

Cadernos de Umbanda

2ª Edição

SAUDAÇÃO AOS | *ORIXÁS, CABOCLOS BOIADEIROS E PRETOS-VELHOS*

- EXU o guardião do Templo
- UMBANDA – Origem histórica
- Oferendas – Mediunidade
- Cânticos – Símbolos e cores.
- As Sete Linhas da Umbanda

Coleção 3 MEMÓRIA DO SANTÉ

Cadernos de Umbanda

Editor: Cristina Warth
Programação Visual/Capa: Renato Martins
Desenhos: Ney Lima e Renato Martins
Arte final: Luiz Epitácio de Oliveira e Imara Rodrigues
Composição: Walter José e Cintia Ribeiro
Apoio bibliográfico: "Dic. Culto Afro-Brasileiro" Olga Gudolle Cacciatore
"Curso de Cultura Rel. Afro-Brasileira" Fernandes Portugal
"Fundamentos de Umbanda" Israel Cysneiro e Omolubá
Fotos: Ney Lima
Fotolitos: Jardim América Ltda. (Manolo)
AGRADECIMENTOS: Ogans dos Templos Umbandistas de Omolu e aos 142 sacerdotes de Umbanda visitados.

Copyright © 1988/1994 by Omolubá

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Omolubá
065c Cadernos de Umbanda III / Omolubá. – 2. ed. –
2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1994.
(Coleção Memória do Santé; 3)

Inclui glossário.
ISBN 85-347-0032-X

1. Umbanda – Rituais. I. Título. II. Série.

CDD – 299.64
94-0204 CDU – 299.6.3

Direitos desta edição reservados à
PALLAS – Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 – Higienópolis
CEP 21050-840 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: 270-0186 – Fax (021) 590-6996

PALLAS

Neste Número

- A sessão de Umbanda
  Caboclos e Boiadeiros 3
  Gira de Exu, o guardião do Templo
- Quarta Devoção — Saudação aos Orixás
  Xangô/Iansã/Oxum/Oxumarê/Ogun/Ibejes 15
- Umbanda em tempo de história 29
- As Sete Progressões Evolutivas
  As Sete Linhas de Umbanda 33
- Apontamentos 34
- Aspectos 36
- Glossário 38

No próximo número

O 4º número de Cadernos de Umbanda, por sinal o último da série, vai mostrar aos seus leitores um tema muito importante e por demais fascinante na vida do umbandista, ou seja, a Iniciação Sacerdotal.

O trabalho que vai ser apresentado é o resultado prático de 142 visitas-consultas feitas aos responsáveis de várias Tendas nos Estados de Minas, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul. Sem dúvida, uma codificação do comportamento ritualístico desejável para uma religião nova, ainda em processo de sedimentação doutrinário.

O que vai ser descrito na próxima publicação servirá, em muito, aos Babalorixás e Ialorixás, desejosos de uma ordenação sensata, lógica, coerente, acima de tudo, não colidente com o rito, a mediunidade e a magia com que se reveste o cerimonial litúrgico da Iniciação Sacerdotal na Umbanda. — Saravá.

A SESSÃO DE UMBANDA

CABOCLOS



Os Caboclos, na Umbanda, são índios e seus descendentes mestiços (filho de índio com branco) que, no plano astral, optaram não só por uma nova sistemática religiosa mas também pelos arriscados serviços assistenciais na superfície terrestre (por determinado tempo) a fim de conviverem com o "homem branco" e aprenderem coisas que muito os intrigaram, quando aqui estiverem encarnados.

Repentinamente os médiuns são "montados" por dezenas de guias e Caboclos que gritam e batem no peito em sinal de presença e reconhecimento da "aldeia" física onde estão sediados para trabalhar. Cumprimentam o congá primeiramente, depois, o guia-chefe e, por último, os ogãs.

* * *

Andam de cá para lá com passos rápidos e firmes. Dançam o tempo que desejam e, depois, procuram seu costumeiro lugar no Terreiro. O cambono vai atendê-los com charutos e aluás, ou simplesmente abraçá-los, certo de que já os conhece pelos próprios gestos peculiares de cada espírito de caboclo incorporado.

* * *

A forma de saudação dos Caboclos lembra um abraço: batem com firmeza o ombro no ombro do visitante — o direito no esquerdo e o esquerdo no direito.

* * *

Os médiuns, quando em transe, na personificação de Caboclos e Caboclas, tornam-se aparentemente viris, seguros de si, arrogantes, embora prestativos. Inicialmente, são desconfiados; depois

de algum tempo de conversa, dão apoio e proteção aos consulentes naquilo que acham direito, justo e possível de atendimento.
Sua honestidade em relação aos compromissos assumidos perante encarnados e desencarnados exemplifica, na prática, a sua própria maneira de ser e viver, com lealdade, sinceridade e inegável valentia ante os desafetos dos dois mundos.
Com o passar do tempo, tornam-se cordatos e imensamente satisfeitos quando costumeiros consulentes tomam a decisão de renovarem-se moralmente. Para eles é uma vitória do viver natural com o homem branco da sociedade de consumo. Seus "pontos cantados" se reportam à vida dos rios, animais, estrelas, das cachoeiras, das matas e suas ervas milagrosas.
Também falam da sua valentia contra os inimigos e da sua proteção e amizade a encarnados e desencarnados.
Existem mais de trezentos cânticos, sendo que alguns são os chamados "pontos de raiz", ou seja, da própria lavra dos Caboclos. Vamos apresentar alguns poucos, já que há livros próprios ao assunto.
Quanto aos "pontos riscados" de Caboclos e Caboclas, vemos, com certa reserva, os que são apresentados em livros — mais de quinhentos — pois nos parece que não passam de uma dezena e são concernentes ao grupo tribal a que pertencem ou à falange astral de trabalho.*



* Realizamos uma pesquisa, no plano astral, sobre os Exus e ficamos impressionados com os "pontos riscados" que se relacionam com eles: costumam em livros, apresentar mais de quatrocentos quando, na realidade, são apenas 7.

PONTOS CANTADOS DOS CABOCLOS E CABOCLAS

Lá na Jurema
Debaixo de um pé de ingá,
lá na Jurema (bis)
Aonde o luar clareia os Caboclos
Deixa a Cabocla Jurema passar
Jurema, Jurema,
Olha o seu Juremá (bis)

Jurema,
O seu saiote é tão lindo, (bis)
Seu capacete é azul
Brilha como o diadema
Jurema,
Ô juremê, juremá
Abandona suas matas
E vem na Umbanda saravá.

Caiu uma folha na Jurema
Veio o sereno e molhou.
E depois veio o sol, enxugou, enxugou
E a mata ficou toda em flor (bis)

Ô meu Caboclo, que mata é a sua
Ô meu Caboclo, que mata é a sua
Que mata é a sua
É a de cá ou a de lá,
Onde pia a cobra
Onde canta o sabiá?

Já dizia um Caboclo
A Umbanda é prá quem tem fé
Ai de mim, meu bom Caboclo
Sua força não engana ninguém.
Se o Caboclo é bom,
Bate palmas prá ele
Se o Caboclo é bom,
Bate palmas prá ele (bis)

Na sua aldeia tem os seus caboclos,
Na sua mata tem cachoeiras
No seu saiote tem penas douradas,
Seu capacete brilha na alvorada.

Ele veio de tão longe,
Veio saravá o endá (bis)
Bendito e louvado seja
Ele é rei do apanaiá (bis)
Bate o bumbo lá na aldeia, ê á (bis)

Caça, caça, caçador
Como é lindo ver caçar,
Caça, caça, caçador
Caçador do Juremá
Caça, caça, caçador
Como é lindo ver caçar,
Cáa, cáa, cáador
Oi caça aqui, caça acolá.

A mata virgem escureceu,
Veio o luar e clareou
Foi quando ouvi
A linda voz do Senhor
Cachoeirinha é quem chegou (bis)
Mas ele é rei, ele é rei, ele é rei
Ele é um Rei na mata virgem ele é rei (estribilho em bis)

Bumba na calunga,
Ele é Caboclo, ele é flecheiro
Bumba na calunga,
Amansador de feiticeiro
Bumba na calunga,
Ele vem firmar seu ponto
Bumba na calunga,
E vem firmar é na Angola.

Eu vi nas matas um dia
Seu Guarani sentado na pedra fria (bis)
Ele cantava, ele assoviava
E lá no céu uma estrela brilhava

A sua flecha
Quem lhe deu foi Oxóssi,
A sua lança
Quem lhe deu foi Ogun,
E a estrela que brilha
Em seu capacete
Veio do Manto de Mãe Oxum.
Saravá Ogun,
Saravá Oxum,
Quem vai chegar de Aruanda
É o Caboclo Pena Azul.

Rei Caçador, na beira do caminho,
Oi não me mate esta coral na estrada,
Ela abandonou sua choupana, caçador,
Foi no romper da madrugada, Rei Caçador.

Sua aldeia estava em festa
Sua taba toda iluminada
Saravá o Rei da Umbanda
Salve Sete Encruzilhadas (bis)

Ele atirou,
Ele atirou ninguém viu (bis)
Seu Tupaíba é quem sabe,
Aonde a flecha caiu
Ele atirou (refrão).

PONTOS DE DESPEDIDA

É madrugada,
Já cantou a siriema
Seu Ubirajara vai embora
Pra suas verdes campinas
Pra suas terras serenas.

Orirê, orirá
Ele vai e torna a voltar,
Orirê, orirá
Traz proteção de Oxalá,
Orirê, orirá
Diz adeus, meu Pai adeus,
Orirê, orirá
Traz proteção pros filhos teus, é madrugada

Caboclo vai embora,
Prá cidade de Jurema
Bom Jesus tá lhe chamando,
Prá cidade da Jurema
Mas ele vai ser coroado,
Prá cidade da Jurema,
Com a coroa de Aiê ieu.

Ele vai e torna a voltar
Trazendo pr'os seus filhos
A proteção de Oxalá (bis
Ele vai com Deus,
Com Deus e Nossa Senhora
Abençoai seus filhos nesta hora.
Sua banda lhe chama
Ele vai embora (bis)

BOIADEIROS

«Xetro marrumbaxêtro, minakêto Navizála» — Saudação.



A gira dos Boiadeiros é quase sempre uma extensão da gira de Caboclos. Acontece uma ou duas vezes por ano em reuniões festivas. Trata-se de uma manifestação à parte, logo identificada com a gente do sertão brasileiro.

Caracteriza-se pelo ineditismo do «pé de dança», numa coreografia intrincada de passos rápidos e ágeis, surpreendente e máscula, que mais parece de um dançarino mímico, lidando bravamente com um boi brabo (ou uma boiada?) invisível. Sabe-se lá?...

Os médiuns do Terreiro, desejando agradar a entidade sertaneja, paramentam-se com roupas próprias do personagem: gibão ou avental de couro, chapéu de vaqueiro e uma corda, «corda de laçar meu boi...» que será usada em movimentos giratórios acima da cabeça do laçador. Calça arregaçada, com ou sem alpercatas.
Assim, ficam à disposição do «amigo leal» que logo chegará, via mediúnica, com seus trejeitos, fumando seu indefectível cigarro de palha, cuspindo chistes e picuinhas, falando e cantando num tosco linguajar de homem do interior, além de muita jovialidade para esbanjar com os encarnados.

Seu cantorio enaltece os orixás, dizem da sua camaradagem com os Caboclos, falam de Jesus e Nossa Senhora com respeito e carinho, do catolicismo colonial, lembram o «cálice bento e a hóstia consagrada», mas a toada de sempre é sobre os verdes campos, a boiada, o cavalo baio, seu amor ao Brasil, os vícios e predileções — beber, fumar, namorar, o samba rasgado... Improvisam versos ou repetem os mais de duzentos já publicados e conhecidos pelos frequëntadores que se divertem com os ditos espirituosos, embasbacados pela prodigiosa memória do cantador sobrenatural. Em cima disso tudo, percebe-se claramente a religiosidade ingênua, prosaica, mas prudente reconhecimento de si mesmo ante a atuação viva de um Ser Maior:

«Me chamam de boiadeiro,
Boiadeiro não sou não...
Eu sou tocador de gado,
Boiadeiro é meu Patrão...»

E, assim, vamos nós ao encontro dos Boiadeiros, com seus aluás, garapas, meladinhas que, entre repentes e provocações, são servidos fartamente para todos que estejam em volta.

Outra rodada de danças já se anuncia. Ogãs e atabaques querem forra... No céu, a lua espia curiosa e complacente, enquanto os Boiadeiros lá se vão, valentes, intrépidos, invencíveis pelo terreiro afora, noite a dentro, laçando estrelas, conduzindo bois, laçando almas... Xêtro marrumbaxêtro minakêto Navizála



PONTO DE BOIADEIRO

Oh, meu patrão
Por favor prenda seu gado
Quem julga réu é jurado
Missa de padre é latim,
Moço que estuda é letrado
Me mandaram prá Bahia
por causa da namorada
Olô pandeiro, olô viola
Olô pandeiro, olô viola.

Seu Boiadeiro por aqui choveu
Por aqui choveu
Choveu, choveu que abarrotou
Foi tanta água
Que seu boi nadou.

A cachaça boa
É do Pau do Alho
Aqui mesmo eu bebo,
Aqui mesmo eu caio.

Adeus, camaradinho, adeus
Adeus que eu já vou embora
E no balanço das águas eu vim
E no balanço do mar eu vou agora.

Seu Boiadeiro cadê sua guiada,
Seu Boiadeiro cadê sua guiada,
Sua guiada ficou lá em Belém
Seu Chapéu de couro ficou lá também
Sem a sua guiada ele não é ninguém (bis)

Olô, viola tocando,
Olô, pandeiro batendo,
Boiadeiro vai embora,
Meu Deus, já estou sofrendo.

Eu vim de muito longe,
Do alto do Chapadão,
Com meu laço cru aqui do lado,
Chapéu de couro na mão.
Ai, ai, ai, ai,
Chapéu de couro na mão (bis)

Chegou, chegou,
Na Casa Santa ele chegou (bis)
Boiadeiro Navizala
Chegou no reino agora
Quem está de pé que se sente,
Pois ninguém vai mais embora.

Quando nesta Casa entrei,
Eu louvei Maria,
Eu louvei seu Santo nome,
E louvei a luz do dia.

Quando nesta Casa entrei,
Eu louvei a cumieira,
Louvei o ogã da Casa,
Louvei a família inteira.

Quem vem lá, é ele,
Quem vem lá, é ele,
No bater da cancela,
Seu Boiadeiro, é ele.

Sou brasileiro, brasileiro (bis)
Sou brasileiro e imperador,
Mas eu sou filho do Brasil,
Sou brasileiro, o que é que eu sou (bis)
Meu pai é brasileiro, minha mãe é brasileira (bis)
Brasileiro, imperador,
Eu sou brasileiro (côro)
Eu sou filho do Brasil,
Eu sou brasileiro (côro)
Brasileiro é o que eu sou,
Eu sou brasileiro (côro).

Nas tranças do seu cabelo,
Eu bebi água de gravatá (bis)
Eu bebi água de gravatá, seu Boiadeiro,
Eu bebi água de gravatá (bis)

Ogã, sou pequenino,
Boiadeiro não sabe ler,
Me empreste sua cartilha
Que eu também quero aprender.

Eu não sou daqui,
Sou marinheiro só
Eu sou do amor,
Sou marinheiro só
Eu vim da Bahia,
Sou marinheiro só
De São Salvador,
Sou marinheiro só.

Na minha guiada
Tá faltando um boi
Tá faltando um
Oi me faltam dois

A minha guiada
De rês tem trinta e três,
Tá faltando uma
Tão faltando três.

Eu nasci nas Águas Claras,
No Chapadão me criei,
Sou irmão de Navizala,
Esta Casa já louvei.

Sou carreiro bom,
Carreiro em qualquer fazenda,
Boi não fica esparramado
E eu não saio da venda.

Sei beber bem direitinho,
Não faço vergonha não,
Experimente: me dê um golinho,
Por favor não me deixe na mão.

Sem bebida e sem cigarro,
Eu fico meio zangado,
Senhores da Casa Santa,
Respeito prá ser respeitado.

A Umbanda tem mironga,
Boiadeiro também tem gongá,
Saravá estrela que lhe ilumina
Saravá, lindo Caboclo, saravá.

Chetruê, chetruá,
Corda de laçar meu boi,
Chetruê, chetruá,
A corda de meu boi laçar.

Cadê a corda de laçar meu boi
Cadê a corda de laçar meu boi
O meu boi fugiu,
Não sei para onde foi (bis).

A minha boiada é de trinta e três
A minha boiada é de trinta e três
Eu só tenho trinta,
Tá faltando rês.

PONTO DE BOIADEIRO — despedida

Tempo ventou, temporal,
Tempo ventou, ventania,
Aproveitando a jogada
Volto prá minha Bahia.

Sambei, sambei,
Sambei até madrugada (bis)
Acabou o samba agora
Vou rever minha guiada (bis)

Sempre ao partir,
Sinto pena, sinto dó (bis)
Boiadeiro quando parte
Deixando a banda só
Vai embora pr'ô sertão,
Boiadeiro vai a Maceió.

Bandolê, olê, olê,
Bandolê, olê, olá,
Bandolê, meu Caboclo Boiadeiro,
Bandolê, olê, olá (bis)
Da laranja quero um gomo,
Do limão quero um pedaço,
De Olorún eu quero a bênção,
De Boiadeiro um grande abraço.

Aqui dentro desta aldeia,
Mora um Caboclo e ele é real (bis)
Ele não mora longe,
Mora aqui mesmo neste canzuá (bis)

Auê, junçára,
Tumba junçára como vai você.
Auê, junçára,
Vim de tão longe só para te ver, auê junçára.

Eu nunca pensei,
Tumba junçára,
De lhe ver,
Tumba junçára.

Foi nesse passo
Que eu saí da minha aldeia (bis)
Com meu chapéu do lado
Minha calça arregaçada
Quando eu saí minha mãe me abençoou (bis)

Boiadeiro é meu
É meu irmão de coração
Ele é meu irmãozinho,
Meu irmão de coração.

Vou embora pr'o sertão
Viola, meu bem, violá (côro)
Eu aqui não passo bem
Viola, meu bem, violá (côro)
Sou empregado da Leste,
E maquinista do trem,
Vou embora pr'o sertão,
Eu aqui não passo bem,
Ô viola, meu bem violá,
Ô viola, meu bem, violá (bis)

A mocinha do sobrado
Mandou me chamar pelo seu criado (bis)
Eu mandei dizer prá ela
Que tô vaquejando o meu gado (bis)
Olô, Boiadeiro,
Ele gosta do samba rasgado,
Olô, Boiadeiro,
Ele gosta do samba enfezado (bis).

Menina bela
Por que tú tanto me olha,
Se você não me conhece
Por que então não me namora?

Amigo me dá um cigarro
Eu também sou fumador
A bagana que eu trazia
Caiu nágua e se molhou.

Vamos beber, ó linda
Na Venda Nova, ó linda (bis)

EXU — O Guardião do Templo



A figura de Exu — oriundo das plagas africanas — deixa de ser, Umbanda, um componente enigmático, para firmar-se, com lógica e simplicidade, no esquema de uma comunidade astral extremamente operosa e responsável dentro dos limites impostos pelos mentores da religião de Umbanda.

A palavra Exu significa, na língua yorubana, esfera, ou seja, por associação da mente nativa, «aquele que está em toda parte». Daí pressupormos, com racionalidade, que o **exu** cultivado na África era, fundamentalmente, um elemental (água, ar, terra e fogo). Não surpreende pois, que, de acordo com as crônicas daquele povo, os antigos sacerdotes fizessem chover, desviassem ventos no combate às pragas de insetos daninhos, protegessem a agricultura e promovessem queimadas a fim de deter tribus inimigas. Eram magos-feiticeiros que manipulavam elementais. No Brasil, já quase não existem mais esses sacerdotes (babalorixás). Estão em franca extinção.

Na Umbanda, a palavra **exu** titula uma instituição do plano astral, conhecida como a **Central dos Sete Focos**, composta por milhares de criaturas desencarnadas (brancas, pretas, mestiças, atuantes em diversas profissões) que prestam serviços entre os planos físico e astral da nossa terra. Estão dispostos em categorias e recebem a colaboração de espíritos denominados «quiumbas», que se aferram ao trabalho pesado, no desejo natural de serem admitidos na poderosa organização Central dos Sete Focos.

Afora seus deveres profissionais no plano astral, os Exus (assim passam a se chamar genericamente) professam a religião de Umbanda, dando a sua cota de trabalho em serviços a eles determinados.

Observa-se, na atualidade, que as sessões de Exu em Templos organizados são realizadas apenas 3 ou 4 vezes por ano, sendo reservadas aos associados e cumprindo sua finalidade que é a de «descarrego» do Terreiro, dos médiuns, freqüentadores, além de ajuste de contas e acertos de novas empreitadas.

A sessão transcorre entre cânticos, danças e o costumeiro vozerio dos Exus e Pombas-giras que expressam suas opiniões e sentimentos sem nenhuma hipocrisia tão comum à sociedade dos encarnados.

Os médiuns vestem-se de preto e vermelho em reverência dada pelos exus aos orixás Ogun e Omolu.

Saudações usuais: *«Boa noite compadre», «Boa noite comadre» «Exu é mojubá». A palavra mojubá é de origem yorubana: moju — viver a noite, ba — armar emboscada. Exu vive a noite e é capaz, tem o poder de armar emboscadas.*

Bebidas: *Exu gosta muito de bebidas voláteis e o aguardente está entre elas, dão o nome de: marafo ou malafo. Também da meladinha (aguardente com mel) ou ainda a caipirinha (aguardente, limão e mel), apreciam o conhaque, uisque e traçados diversos. As Pomba-giras gostam do anis e da champagne. Não há necessidade do médium ingerir bebidas pois a mesma pode ser posta em um cálice, alguidar ou coité onde a entidade poderá aspirar astralmente o conteúdo.*

Pontos riscados: *São os mesmos que estão registrados como símbolo dos 7 Focos. Outros que apareçam, são fruto do animismo, mistificação e improvisação.*

Símbolo: *O tridente. Homenagem que a Central dos Sete Focos presta ao orixá Yemanjá.*

Hierarquia dos Exus: *(Vide obra Maria Molambo na Sombra e na Luz) Exus e Pomba-giras prestam obediência ao Exu Chefe da Casa,que por sua vez, segue as normas ditadas pelo Guia Chefe do Templo.*
Os Exus fumam charutos, cigarros de palha, cigarros. As Pombas Giras preferem cigarrilhas ou cigarros finíssimos que portam em longas piteiras. Espirituosos, desabusados, alguns deles improvisam versos jocosos e picantes. Outros usam e abusam de sentenças judiciosas ou espatafurdicas. Enquanto os Exus dançam de maneira um tanto grotesca as Pombas-giras o fazem de maneira graciosa lasciva e sensual.
Para trabalhos de magia exigem 50% e o restante após a consecução da empreitada.

«Quem deve a Zambi atrazado, paga a Exu adiantado».
«Terra em que Exu não pisa, dendê dá coco na raiz».

PONTOS CANTADOS DE EXÚ

Andorinha voou na mata
Na encruza foi parar (bis)
Salve esta Casa Santa,
Salve esta banda linda,
Saravá Exú Bará (bis)

Capa Preta no reino
É uma beleza (bis)
Eu nunca vi um Exu assim,
Ele é madeira que não dá cupim.

Viva as almas,
Viva a coroa e a fé (oi viva as almas)
Viva Exu nas Almas,
Ele é Seu Mangueira de fé (oi viva as almas)

Exu ganhou garrafa de marafo
E levou na capela pra benzer
Seu Mangueira correu e gritou:
Na batina do padre tem dendê, tem?
Tem dendê, na batina do padre tem dendê
Tem dendê, na batina do padre tem dendê (estribilho em bis).

Eu vi um clarão nas matas,
E pensava que era dia (bis)
Era o Exu das Matas
Que fazia sua magia (bis)

«Melhor ouvir cuidado do que ouvir coitado...»
«Quem come e guarda come duas vezes»

Zé Pilintra no catimbó
É tratado de doutor (bis)
Quando abre a sua Mesa,
Tem fama de rezador.

Seu Tranca Ruas nasceu,
Pra cumprir sua missão
Pela sua inteligência,
Ganhou logo galão.
Ele é Exu muito delicado,
Mas se entra em demanda,
Não quer sair mais não (bis)

Exu não vem no clarão do sol,
Ele vem no romper da lua (bis)
Saravá Exú Vira Mundo
Ele é rei na madrugada
Junto com Seu Tranca Ruas (bis)

Na encruzilhadas tem um Rei
Esse Rei é seu Tranca Ruas (bis)
Na outra esquina tem mais um Rei
É seu Tiriri com a rainha Pomba Gira (bis)

Com o seu terno preto,
Sua bengala de embira
Ele é muito elegante,
Saravá seu Tranca Gira.
Ele vem na madrugada,
Com sua linda cartola
Chega e dá logo boa noite,
Mas não gosta de quem lhe amola.

Exu pisa no toco, Exu pisa no galho,
Galho balança Exu não cai, ô ganga,
Ê Exu, Exu pisa no toco de um galho só
Ê Exu, Exu pisa no toco de um galho só
Marimbondo pequenino, bota fogo no paiol, ô ganga
Ê Exu, Tatá Caveira no tôco de um galho só (bis)

Quando o galo canta,
As almas se levantam
E o mar recua.
É quando os anjos do céu dizem amém,
E o pobre lavrador, diz Aleluia.
Viva a Aleluia, viva a Aleluia,
Rei Tiriri, viva a Aleluia
Viva a Aleluia, viva a Aleluia,
Rei Tiriri, viva a Aleluia,

Vinha caminhando a pé,
Para ver se encontrava Pomba Gira Cigana de fé (bis)
Ela parou e leu minha mão,
E disse-me toda a verdade
Eu só queria saber onde mora Pomba Gira Cigana de fé (bis)

Dona Pomba Gira Cigana,
Leva o que tem pra levar (bis)
Leva a minha quizila
Leva bem para o fundo do mar (bis)

Balança lhe pesa,
É hora é hora,
Dom Miguel lhe chama
O Exu já vai embora.

XANGÔ

Xangô é o orixá da justiça, do equilíbrio, da prudência, da equidade e demais sentimentos que devem imperar em nós, seres humanos, e não para nós. No plano físico, atua de maneira audível e visível através dos raios, relâmpagos e trovões. As cordilheiras, enfim todos os maciços do planeta e demais elevações existentes no cosmo, são Xangô manifestado. Ele é o Senhor de todas as energias secundárias (elétrica, magnética, nuclear, atômica, estelar, radiante, luminosa etc.) já que Olorun é a energia primeira. Diz a lenda que quando Xangô está aborrecido cospe meteoritos no espaço. Do cimo das mais altas formações de pedra, Xangô assiste e controla com presteza absoluta, todo o esplendor das tempestades, trovões e relâmpagos, toda a presença ígnea no espaço sidérico. Junto a Ele está o orixá Iansã que ocupa o 5º Raio da teologia umbandista.

No plano emocional já enunciamos os sentimentos que são apagnágio da sua irradiação universal. Empresta aos seus diletos (aqueles que se conduzem em harmonia) um porte viril, altaneiro, digno, calmo, pelo menos aparentemente; são equilibrados nos seus pareceres, um tanto calados, mas sempre justos. Detestam pessoas mentirosas, ladras e irresponsáveis. São enérgicos, persistentes, cuidam, com gosto, da aparência, do vestuário e de seus pertences. Conservadores nos hábitos e idéias. Quando mudam de pensar, fazem-no de maneira repentina e com profundidade. Amam, ardentemente, a vida.

No plano mental, destacam-se como intelectuais de primeira água. São bons doutrinadores, escritores, pesquisadores e filósofos. Servem como bússula ética às sociedades onde vivem. Bons juristas, advogados e gerentes de empresa, principalmente na parte administrativa. Como trabalhadores braçais, inspiram confiança, embora arredios no fazer amigos. Sinceros, corajosos e determinados, angariam, pelo próprio valor, as posições de mando.



A parte negativa nos filhos de Xangô está na crueldade, injustiça, alienação, violência e orgulho desmedido, além da ambição cega. São capazes de liderar revoluções, desordens sociais e, com ou sem razão, tornam-se «donos» e ditadores da coisa pretendida.

Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados a Xangô: *nega-mina, folha da costa, bico-de-papagaio, betis cheiroso, mutamba, saiãoç chocalho-de-xangô, levante, espirradeira, maria-preta, folha-de-fogo. Cravos e gerânios brancos, lírio amarelo e outras flores de tonalidade marron. Abacaxi e outras frutas escamosas. Sumo das próprias ervas, água da cachoeira e cerveja preta.*

Seus «filhos de cabeça» usam toalhas marrons, deixando as franjas para o segundo orixá. A guia é de contas marrons. Oferendas e obrigações são realizadas a partir do mês de março até novembro. Sua festa maior acontece na 2ª quinzena de setembro. Quando os fiéis da Umbanda visitam a macaia, fazem questão de encontrar nela uma pedreira ou cachoeira para que possam homenagear o Orixá com oferendas, danças e recepção mediúnica de trabalhadores astrais, também devotos do Orixá da Justiça.

Símbolo: *1 machadinh;a dupla e um raio.*
Saudação: *Kauô cabiecile Kauô cabiecile Kauô cabiecile — «Permita-nos olhar para Vossa Alteza Real».*

CÂNTICOS DE XANGÔ

Meu pai Xangô, olha seus filhos,
Que eu também sou filho seu (bis)
Seu Agodô, Yemanjá sobá, Yemanjá sobá,
Seu Aganjú, Yemanjá sobá, Yemanjá sobá.

Dizem que Xangô mora na pedreira
Mas não é lá sua morada verdadeira.
Ele mora na Aruanda, numa cidade de luz.
Aonde mora Oxumaré e Jesus. (bis)

Xangô mora na pedreira
Onde canta o rouxinol (bis).
Sua pedreira é tão linda,
Pai Oxalá abençoou;
Toda coberta de estrelas,
Saravá meu Pai Xangô.

O Gino, olha sua banda,
O Gino, olha seu gongá (bis)
Aonde o rouxinol cantava
Aonde Xangô morava.
Ele é Gino da Cobra Coral,
Ele é Gino da Cobra Coral, (bis)
Ele é Gino da Cobra Coral, Kaô.

Quem mora na pedreira é Xangô
Senhor do meu destino até o fim
Se um dia me faltar a fé no meu senhor
Que caia esta pedreira sôbre mim.

Quem rola pedra na pedreira é Xangô,
Quem rola pedra na pedreira é Xangô,
Xangô do acarajé,
Do acarajé. (bis)

Sua machada é de ouro,
É de ouro, é de ouro
É de ouro, é de ouro
Machadinha que corta mironga...
É machadinha de Xangô

Ele é Xangô das Almas,
Ele é feito nas Almas, (bis)
Almas, ô minhas Almas, (bis)
Seu Agodô, que venha me valer.

Na pedreira da mata virgem
Onde mora meu Pai Xangô
A água rolou, Nanã Buruquê,
Pedra rolou, saravá Pai Xangô.

Pega no seu livro e vai ler
Pega na pena vai escrever (bis)
Xangô, Xangô
Saravá Umbanda, seu Alafim, Seu Agodô (bis)

No alto daquela pedreira,
Tem um livro que é de Xangô (bis).
Xangô, Kaô,
Kaô Kabiecile (bis)

Meu pai Xangô
Olha seus filhos
Que eu também sou filho seu
Xangô meu pai
Olha seus filhos
Que eu também sou filho seu
Seu Agodô bis
Seu amalá sou eu...

Eram dez horas
Quando o sino tocou
Na marambaia
Cidade da jurema
Eram dez horas
Quando o sino tocou
Com licença de Zambi
Saravá Pai Xangô.

IANSÃ

Iansã, na África, é a deusa do rio Níger. Mitologicamente, uma divindade de nove cabeças, representando o delta daquele rio. No Brasil, além da água, é ligada principalmente aos ventos.

Na teologia umbandista, ocupa o 5º Raio junto a Xangô.

No plano físico, comparece através dos raios, ventos, tempestades, furações e tornados, modificando intempestivamente a ambiência normal da natureza com propósitos acima da compreensão humana.

No plano emocional, sua atuação é marcante no que tange à ancestralidade e hereditariedade das criaturas, definindo-as basicamente pela coragem, decisão, determinação, intrepidez, desapego e proporcionando ações apaixonantes e avassaladoras em todos os campos da atividade social. Os seus «filhos de cabeça» estão na vanguarda dos movimentos libertários e decisivos para a conquista de uma posição liberal e independente do povo na sociedade. Estão quase sempre entre os cabeças de greves e rebeliões. Possuem, no entanto, uma atitude recatada de fiel obediência ao que lhes parece verdadeiro, justo e lógico no plano psicológico. São inteiramente contra os preconceitos, discriminações ou quaisquer formas outras de diferenciação menores e mesquinhas contra os semelhantes.

Elegantes, educados no trato, logo se destacam do grupo onde vivem, não só pelo gosto refinado, pelo vestuário, como também pela linguagem franca e corajosa com que debatem seus pontos de vista.

No plano mental, os filhos do Orixá aparecem entre os grandes pensadores, construtores de ideologia (filosóficas, políticas e religiosas). Progressistas, são bons condutores ou auxiliares na consecução de um ideal. Ao contrário do orixá Xangô que emana conservadorismo e fidelidade às tradições, os filhos de Iansã estão sempre reciclando seus conceitos e



comportamentos. São exigentes na forma e no conteúdo das proposições filosóficas e na vida prática do dia a dia. Certos ou errados, surpreendem a si mesmos e conhecidos no terreno vivencial.

Não guardam rancor aos desafetos, embora fugidios ao reatamento. Fazem amizades com muita facilidade; todos gostam de dizer amigos seus. São perdulários embora tenham facilidade nos ganhos. É próprio aos filhos dda Orixá Guerreira dar partida aos movimentos reivindicatórios da classe a que pertencem.

Agora, as tendências negativas. Tendências da criatura e não do Orixá. O reverso das suas qualidades. Quando fracassados, encontram prazer no jogo, bebida, tóxico e completo abandono de si mesmos. Podem chegar a topo da montanha, mas, por imprevidência, podem rolar pelo abismo da miséria moral e material.

Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Iansã: *erva-santa, umbaúba prateada, folhas de bambu, folha de fogo, capeba, parietária, bredo sem espinho, malmequer branco, dormideira, espada-de-iansã. Flores que tenham a tonalidade coral de preferência e outras como a dracena, a papoula, o crisântemo, o gerânio. Romã, groselha, pêssego, pitanga, framboesa e cajá. Bebidas: suco das ervas e dos frutos, além da água da chuva.*
Nos dias de festa, os «filhos de cabeça do orixá comparecem aos Terreiros, ostentando lindas toalhas em que a cor predominante é o coral.
Pessoas hospitalizadas ou prestes a desencarnar elegem Iansã como sua protetora nos momentos difíceis, rogando ao orixá que lhes conceda a cura ou uma boa hora. Já os espíritos desencarnados pedem sua proteção para que lhes dê uma boa direção na sua caminhada evolutiva.

Símbolo: *Espada curta de cobre ou estanho e um raio.*
Saudação: *Eparrei Oyá Eparrei Oyá Eparrei Oyá — Oyá (nome por que é conhecida Iansã) + Eparrei (Saudação a um dos raios do Orixá da Decisão).*

CÂNTICOS A IANSÃ

Lelê lê lê
Lelê lê lê Aruanda aê
Lelê lê lê, Aruanda à.
Eparrei, Aruanda ê
Iansã, Aruanda à.

Iansã, menina,
Dos cabelos louros
Onde é sua morada,
Moro na Mina do Ouro.

Tempo que rola tempo
Tempo que vai rolar
Tempo que rola tempo,
Iansã que vem saravar.

Olha a saia dela,
Olha a saia dela,
Olha a saia dela que o vento leva
Olha a saia dela.

É ventania,
Venta aqui, vento acolá
Minha Mãe Iansã,
Rainha deste jacutá.

Ela é moça bonita
E é dona deste jacutá (bis)
Eparrei, eparrei, eparrei,
Minha mãe de Aruanda
Segura a gira que eu quero ver (bis)

Iansã chegou do reino,
Chegou com chuva e com vento
Ela é dona de jacutá, veio saravá
Os seus filhos no congá. (bis)

O ronco da pedreira
É a trovoada,
Ecoou lá na mata,
Ecoou lá na serra.
Todo povo de Iansã,
Todo povo de Xangô,
Chegou cá na Terra
Chegou para a guerra.

Eparrei Oiá (bis)

Dona dos ventos
Mensageira de Oxalá.
Saravá Grande Guerreira
Deusa do fogo e da luz
Minha santa padroeira
Que a todos os filhos conduz
Proteção para seus filhos
Eparrei bela Oiá
Moça rica de Aruanda
Vem na Umbanda saravá. Eparrei

OXUM



Oxum é orixá das águas doces, dos rios, regatos e igarapés. Acolhe, no seu regaço, as chuvas de Nanã e também os veios d'água das profundezas do subsolo. É o orixá da mansidão, da maternidade, da cria, dos valores familiares, pugnando, com serenidade, pela concórdia da família universal, enlaçando-a com doçura a verdadeira afeição. Seus «filhos de cabeça», quando afins à sua vibração, são extremados na devoção religiosa e corretos na vida familiar. É comum dizer-se que Yemanjá alenta a criação e preside a gravidez, mas é Oxum quem concebe e é a criadeira.

Seus devotos possuem um alto espírito de religiosidade, de ternura, tolerância e compreensão para com os defeitos alheios. Sacrificam-se pelos filhos até a última instância. Honestos em todos os sentidos, cumpridores de suas obrigações no campo social, principalmente no lar. Gostam, perdidamente, de crianças.

No plano mental, o orixá dá aos seus tutelados uma percepção brilhante dos fatos. São simples, distintos e procuram aliar os vôos do pensamento filosófico ao prático, habitual e, sobretudo, útil a todos. Dão ótimos professores, administradores. Como 2º orixá de cabeça, Oxum dá tranqüi lidade e confiança de êxito principalmente com os orixás Ogun e Xangô. Ainda no plano mental, esse orixá imprime a seus filhos uma acuidade de prever acontecimentos.

Sensíveis, e resignados, esquecem, com facilidade, as ofensas recebidas procurando, inclusive, reatar laços de amizade já que fazer amigos duradouros é sua tendência natural. Quando ricos, são simples e acolhem os parentes mais pobres ou em dificuldades. Estão sempre à frente nos serviços de filantropia sem procurar aparecer na imagem enganosa de «pessoa boníssima» ou de «bom moço». Extremados por um ideal, seguem facilmente os líderes ou causas ideológicas.

Oxum traz o previlégio da fecundidade da abundância e até da riqueza, seja no plano físico, nos sentimentos, seja no plano mental das elocubrações originais e proveitosa a todos.

Vamos, agora, tecer considerações sobre as tendências negativas das criaturas «filhas do orixá», tendências estas, trazidas não só pela via hereditária como também pela envolvência com o ambiente hostil da sociedade consumista e corrupta dos dias atuais. Os filhos de Oxum, em nível negativo, são, quase sempre, preguiçosos, negligentes, omissos, desalinhados e não muito cuidadosos com a própria aparência. Chegam mesmo à falta de higiene com o corpo e com o lugar obde habitam. Choram por nada. Reclamam de coisas de que não cuidaram no devido tempo. Emotividade exagerada, piegas, sensualismo degradante, fanatismo, obsessão e intolerância.

Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados a Oxum: *folha-de-vintém, folha-de-fortuna, malva, dracena, criri-da-oxum, rama de leite, malva rosa, narciso. Flores de tonalidade amarelo, lírios de toda espécie, margaridas, flor-de-maio, amor-perfeito, madressilva, narciso rosa branco ou bicolor. Frutas doces em geral, banana prata e ouro, laranja-lima, oiti, sapoti, moranga, jabuticaba. Bebidas doces, ressaltando-se o mel, água de cachoeira, água de coco, suco de suas ervas e frutas. Perfumes oriundo de suas plantas trazem ao portador um clima de romance, calma e mansidão.*

Símbolo: *1 coração do qual nasce um rio.*
Os devotos usam toalha amarelo-cintilante e amarelas também são as contas de sua guia, sendo que esta última é recebida após o cumprimento da 5ª Obrigação do processo iniciático na ordenação sacerdotal. As oferendas podem ser feitas durante o ano; as obrigações, de março a dezembro. As festas ao Orixá são realizadas por todo o mês de maio.
Saudação: *Eri ieiê ô Eri ieiê ô Eri ieiê ô — «Salve Senhora da bondade e da benevolência»*

CÂNTICOS DE OXUM

Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira
Eu vi Mamãe Oxum na cachoeira
Colhendo lírio, lírio ê
Colhendo lírio, lírio á
Colhendo lírio prá enfeitar êste gongá. (bis)

Brilhou no céu uma estrela
Era uma estrela azul (bis)
Vinha do manto sagrado, oi saravá,
Bendito, de Mamãe Oxum.

Mamãe Sinda, olha Umbanda,
Saravá êste abaçá.

Com seu manto bordado de ouro
Diadema cheio de estrelas
Saravá nossa Mãe Suprema, saravá
Saravá Oxum dona da cachoeira.

Ai iê ieu,
Ai iê ieu Mamãe Oxum
Ai iê ieu Mamãe Oxum
Mamãe Oxum que é nossa mãe.

Estrela que ilumina o céu
Estrela que clareia a cachoeira
Saravá Mamãe Oxum, oi saravá,
Protegei-me por esta vida inteira.

Ela é flor de maio,
Ela é flor de maio.
Se a minha Mãe
É linda, flor de maio
Aiêiêu
É flor de maio...

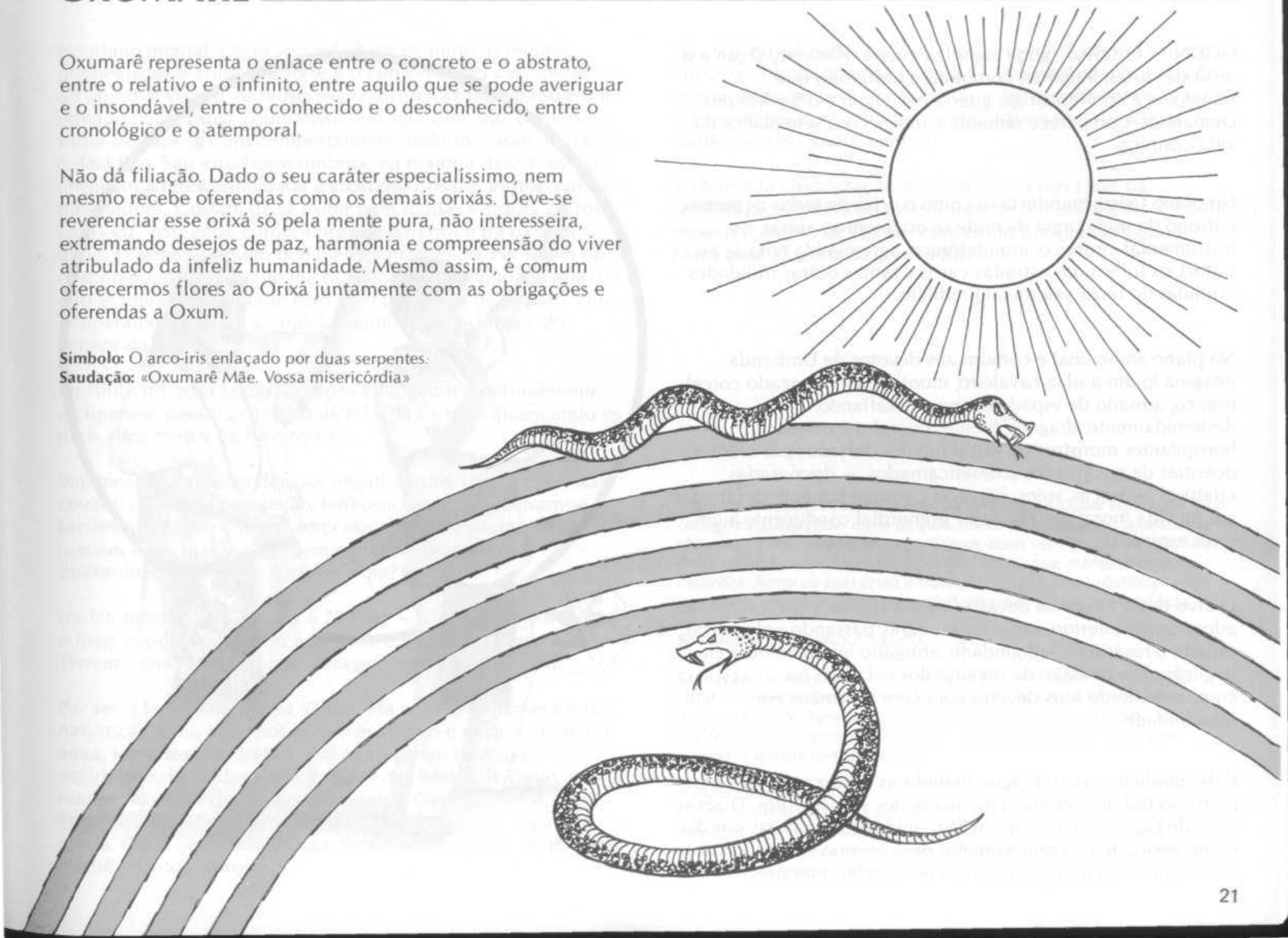
No alto da cachoeira
Tem uma gruta do lado de lá,
Tem um banquinho de ouro Mamãe...
Onde Oxum vai se sentar...

OXUMARÊ

Oxumarê representa o enlace entre o concreto e o abstrato, entre o relativo e o infinito, entre aquilo que se pode averiguar e o insondável, entre o conhecido e o desconhecido, entre o cronológico e o atemporal.

Não dá filiação. Dado o seu caráter especialíssimo, nem mesmo recebe oferendas como os demais orixás. Deve-se reverenciar esse orixá só pela mente pura, não interesseira, extremando desejos de paz, harmonia e compreensão do viver atribulado da infeliz humanidade. Mesmo assim, é comum oferecermos flores ao Orixá juntamente com as obrigações e oferendas a Oxum.

Símbolo: O arco-íris enlaçado por duas serpentes.
Saudação: «Oxumarê Mãe. Vossa misericórdia»



OGUN

OGUN — O sufixo «gun» significa guerra. Portanto, Ogun é o orixá das lutas, batalhas, combates e tudo mais que transpareça conflito, briga, guerra etc. Ogun é o Senhor das Demandas. Comparece radiante e íntegro nos sete planos da vida cósmica.

No plano físico, manifesta-se como o orixá de todos os metais, patrono da metalurgia de onde se originam as armas, o instrumental cirúrgico, arquitetônico, agrícola (da enxada ao trator), os trilhos das estradas carris e tantas outras utilidades oriundas do ferro, seu metal predileto.

No plano emocional é comum aos devotos de Umbanda imaginá-lo um audaz cavaleiro, montado em ajaezado corcel branco, armado de espada e lança, desafiando, destemidamente, dragões, hienas, duendes e outros horripilantes monstros do astral inferior, forjados por mentes doentias de encarnados e desencarnados — desavisadas criaturas — fracas, ruins, perversas, completamente desatentas a uma vida moral correta, fator primordial conducente a um viver espiritual.

O alvo desse Orixá é a devastação das formas-pensamento que adoencem e inferiorizam o ser humano, passando pelo fio de espada o rosário de indignidade, abrigado infelizmente pela negligência e omissão da maioria dos cidadãos no cumprimento de seus deveres para com os irmãos em humanidade.

Cabe também ao orixá Ogun demolir as baixezas do ego. Esse meritoso trabalho começa na mente dos seus devotos. Dizer-se filho de Ogun é estar convencido, vinte e quatro horas por dia, da necessidade do conhecimento de si mesmo e lutar acirradamente contra as próprias tendências inferiores.



No plano mental, Ogun secunda bem de perto as mentes privilegiadas e afins. Seu forte é o cumprimento das operações ao objetivo visado. Ardiloso, sagaz, astucioso (admirado e até imitado pelos Exus), combativo, sem ser cruel, traz para «seus filhos de cabeça» um comportamento ordeiro, corajoso, franco e decidido. São estudiosos embora, na maioria das vezes não cheguem à intelectualidade. Parcimoniosos nos gastos; nunca mesquinhos. Gostam de se exibir com roupas vistosas, carros, casas etc. Asseados, cumpridores de horários e da palavra dada. Exigentes daquilo que lhes foi prometido. Por ironia do destino ou mera casualidade os filhos dessa divindade marcial dão-se maravilhosamente bem com os «filhos de Oxossi» cujo temperamento difere completamente do dos «filhos» do Senhor da Guerra.

Os filhos do orixá Ogun são bons advogados e naturalmente inclinam-se para a carreira policial e das armas, alcançando os mais altos postos da hierarquia.

Vejamos, agora, as tendências negativas dos «filhos do orixá»: covardia, falta de convicção, teimosia, violência; deixam-se facilmente influenciar por terceiros; ambição desmedida, preconceitos, mania de ordem e mando, exagero à discriminação no meio social em que vivem.

Na Umbanda, Ogun ocupa o 7º Raio — Cerimonial e Magia. É o mais popular dos orixás e infunde com sua presença nos Terreiros um clima de vigor, coragem, alegria e proteção.

Por ser o Senhor da Magia, Ogun lida com os 7 elementos da natureza cósmica (do nosso conhecimento e prática apenas a **água, terra, fogo, ar** e **éter**). Daí aparecerem falanges de espíritos, trabalhadores aficionados das hostes de Ogun, com nomes correspondentes aos elementos: Ogun Marinho, Ogun Yara, Ogun Delê, Ogun Matinata, Ogun Beira-mar, Ogun de ronda, Ogun Sete-ondas, Ogun Rompe-mato, Ogun Mejê, Ogun Naruê e tantos outros.

Nas festas realizadas nos Terreiros, sempre se vêem os filhos do Orixá (que tenham passado pela 5ª Obrigação) com guias de aço cruzado no peito e nas costas e até mesmo com a planta espada-de-ogun, cumprimentando todos na qualidade de súdito fiel do Orixá Guerreiro.

A chamada Organização dos Sete Focos dos Exus, na Umbanda, foi delineada e estruturada por um médico e político espanhol, «filho de Ogun», conhecido nos planos astral e físico pela alcunha de Tranca-Ruas.

Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicadas a Ogun: *espada-de-ogun, comigo-ninguém-pode, crista de galo, folhas de mangueira, taioba, cipó-chumbo, palmeira de dedenzeiro. Cravos, rosas vermelhas e outras flores dessa tonalidade, sempre-viva, absinto. Cajá-manga, manga-espada, cajazeira. Sumo de suas ervas e frutos, cerveja branca (substituição do tradicional vinho de palma (e-mun). Aceita mel, água doce e salgada.*

Símbolo: *lança, espada e bigorna.*

Saudação: *Patakori Ogun Patakori Ogun Patakori Ogun — Do Yorubá: pàtàkí (importnte, principal etc.) + ori (cabeça). «Muita honra em ter o mais importante dignitário do Ser Supremo em minha cabeça». Também é saudado com a expressão Ogun-Yê — Um brado que diz que Ogun sobrevive sempre forte e soberbo.*

A toalha usada pelos seus «filhos de cabeça» é vermelha com franjas da cor do segundo orixá. Sua guia é vermelha, recebida após a 5ª Obrigação. Terça-feira é o dia consagrado ao Senhor da Guerra. Sua principal festa é realizada na segunda quinzena do mês de abril. Obrigações e oferendas são efetuadas de março a novembro.

CÂNTICOS A OGUN

Quando Ogun foi para a guerra
Êle mandou orar, orar
Quando Ogun venceu a guerra,
Ele mandou orar, orar
Orar, orar, (bis)
Orar, orar é vencer...

Que cavaleiro é aquele
Que vem cavalgando pelo céu azul,
É Seu Ogun Matinata
Que é defensor do Cruzeiro do Sul.
Rê, rê rê
Rê, rê rê
Rê, rê, rê seu cangira,
Pisa na Umbanda (bis).

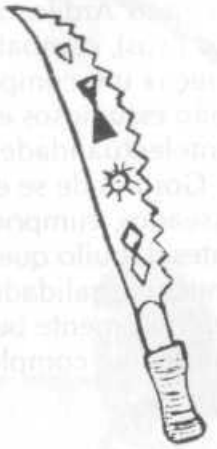
Oh, que céu tão estrelado
Oh, que noite tão formosa (bis)
Carruagem tão bonita,
Carruagem tão bonita,
Que Ogun ganhou. (bis)

Eu tenho sete espadas
Pra me defender
Eu tenho Ogun em minha companhia
Ogun é meu Pai
Ogun é meu guia,
Ogun è meu; Pai
Venha com Deus e a Virgem Maria.

Ogun, Ogun Iára,
Ogun, Ogun Iára,
Lá nos campos de batalha,
Salve a Sereia do Mar,
Ogun, Ogun Iára,
Ogun, Ogun Iára.

Beira Mar auê Beira Mar (bis)
Ogun já jurou bandeira
Nos campos de H:umaitá
Ogun já venceu demanda
Vamos todos saravá,
Ogun Beira Mar

A lua clareia a mata
Ela é prateada
Seu Ogun clareia a beira mar
Eu vi as crianças brincando
Na beira da areia
Eram os 7 filhos de Yemanjá.



Se meu Pai é Ogun,
Vencedor de demandas,
Ele vem de Aruanda
Pra salvar filhos de Umbanda

Sou Ogun que venho de longe
Muito além do Gantois
Sou Ogun e peço agô onde chegou
Sou Ogun Cariri, Rei do Mar.

Pisa na Linha de Umbanda
Que eu quero ver - Ogun Sete Ondas...
Pisa na Linha de Umbanda
Que eu quero ver - Ogun Beira Mar...
Pisa na Linha de Umbanda
Que eu quero ver - Ogun Matinata
Pisa na linha de Umbanda
Que eu quero ver - Ogun Rompe Mato...
Pisa na linha de Umbanda
Que eu quero ver - Ogun Iára,
Ogun Megê, Ogun Iára, Ogun Megê
Olha a banda aruê...

O dono da pedreira é Xangô
Dono do meu destino até o fim,
Se um dia me faltar
A fé pelo meu Senhor,
Que role esta pedreira sobre mim.

Seu capacete é de ouro,
Sua espada é dourada
Na ponta da sua lança eu vi
Um laço de fita encarnada,
Ogun Yara, Ogun Megê
Ogun Yara, Ogun Megê.

Donde vem Ogun Marinho
Donde vem Ogun Marinho
Vem das ondas
Veio das ondas do mar,
Vem das ondas.
Ogun já venceu
Já venceu, já venceu,
Nas guerras e batalhas
Com Ogun só Deus.

Seu Ogun Beira Mar,
Que trouxe do mar (bis)
Quando ele vem,
Beirando a areia,
Na mão direita
Traz o rosário de Mamãe Sereia (bis)

A sua espada é de ouro,
Sua coroa é de lei (bis)
Ogun é Tata na Umbanda
Seu Cangira Munganga, ogunhiê
Ogun é Tata na Umbanda
Seu Cangira Munganga, ogunhiê.

Sua espada rebrilha
E rebrilha no mar
Seu Ogun é guerreiro
E só pode brilhar.

DESPEDIDA

Selei, selei,
O seu cavalo selei,
Seu Ogun já vai embora,
Seu cavalo, selei... (bis)

Ouvindo um toque de um clarim na lua
Era o toque do Major do dia,
Ogun foi praça de cavalaria,
Foi ordenança da Virgem Maria. Ogunhê
Laiá la rá, lará, lará, lalalalalaiá
Laiá la rá, lará, lará, lará lalalalalaraiá.

Estrela Dalva brilhou
Iluminando a Aruanda (bis)
Saravá Ogun Yara, saravá Ogun Yara,
Na Umbanda vem chegando.

Eu sou um Rei que não peço licença,
Na sua aldeia quando estou para chegar
Eu sou um Rei vencedor de batalhas, auê,
Eu sou Ogun Cariri, Rei do Mar.

Estava na beira da praia
Quando vi Sete Ondas passar (bis)
Abre a porta, oh gente, que ai vem Ogun,
Com seu cavalo marinho ele vem saravá (bis)

IBEJES

Os Ibejes. A criança, dado o seu caráter ingênuo, não está conspurcada de hábitos inferiores nem sobre ela se refletem nódoas infamantes de ambição desmedida, de hipocrisia e dos desmandos comuns à sociedade de consumo. Compreende-se como «sociedade de consumo» uma corrente de desejos e prátricas espúrias de comportamentos indignos e letais à consciência humana. Os Ibejes representam a criança que existe em cada ser humano. Sem dúvida que muitos até já sepultaram essa fase áurea de aspirações joviais, singelas e inocentes. A figuração simbólica de duas pequenas imagens é a duplicidade dos contrários, a duplicidade que impera no mundo conhecido, embora resuma em si a harmonia dos opostos.

Os Ibejes não dão filiação; isso significa, pois, que nenhum devoto pode ser filho de Ibejes. Os espíritos que trabalham nessa faixa são geralmente crianças que comparecem aos Terreiros em datas festivas, conduzidas pelos Pretos-Velhos, Caboclos, Boiadeiros e até Exus. Outros são almas adultas que se divertem nesse clima simples, brejeiro e divertido. Muito raramente, percebe-se a presença de elementais.





Algumas ervas, flores, frutos e bebidas dedicados aos Ibejis: *flores miúdas e multicores. Nêspera, tangerina, laranjas doces de várias qualidades, maracujá, melancia, goiaba, maçã, morango. Água açucarada, mel, refrigerantes adocicados e suco das frutas doces que tanto apreciam.*

As oferendas para os Ibejes são feitas no Terreiro ou quase sempre nos parques e jardins da cidade. Sua gira festiva é realizada unicamente na 2ª quinzena de setembro. Seu colar é feito de contas de diversas cores, sem qualquer valor iniciático, já que não há obrigações para os Ibejes. Suas oferendas consistem em doces e brinquedos como petecas, bonecas, chapéus, bolas de sopro, cavalos de madeira, apitos etc. Usam-se velinhas coloridas de festa de aniversário e tudo que faz uma criança ficar feliz na sua pureza que naturalmente se irradia para os adultos, médiuns e participantes da ruidosa sessão da primavera.

Os Ibejes participam do 7º Raio e recebem o apadrinhamento do orixá Ogun. Por que a maioria dos pedidos, nessas ocasiões, são atendidos pelos Ibejes? Pela insistência dos mesmos e pelo prestígio infantil que eles desfrutam junto aos guias adultos, trabalhadores da Umbanda que os atende.

Símbolo: *2 crianças frente a frente.*
Saudação: *Oni beijada Oni beijada Oni beijada — «Ele é dois»*



CANTIGAS DE IBEJADA

Brincadeira de Ibêje, aê,
Segura um reino
Brincadeira de Ibêje, aê,
Segura um reino.

Se eu pedir,
Você me dá (bis)
Um balancinho, papai,
Prá eu brincar (bis).

Brincando no jardim das rosas,
Cosme e Damião vem na Umbanda trabalhar
Louvando o nome de Iansã
Louvando o nome de Yemanjá.

Meu anel de pedra verde
Que eu perdi no mar azul,
Quem achou
Foi Doum.

A baiana me pega,
Me joga na lama
Eu não sou camarão,
Camarão é quem me chama.
Ê ê ê, baiana,
Na Bahia deu sinal.

Vamos apanhar, carurú,
No mato tem,
Vamos apanhar carurú,
Beira do rio.
Vamos apanhar carurú
Com o Faísca
Vamos apanhar carurú
Com Estrelinha
Vamos apanhar carurú
Com o Tufão
Vamos apanhar carurú
Com o Chuvisco.

Meu anel de pedra verde
Que eu perdi pelo caminho,
Quem achou
Foi o Cosminho

Meu anel de pedra verde
Que eu perdi, caiu no chão,
Quem achou
Foi Doum.

A mediunidade é faculdade. Por faculdade se entende uma predisposição que pode ou não ser utilizada. A mediunidade, contudo, existe basicamente em uma feição orgânica, que pode manifestar-se de dezenas a centenas de modos, cada um merecendo considerações própria. Considere a mediunidade como faculdade precipuamente benéfica, sempre que orientada pelo bom senso e pela evangelização.

Não se esqueça de que a mente é força criadora poderosíssima, podendo gerar inúmeros fenômenos que não chegam a caracterizar o fato mediúnico, muito embora não logrem, ainda que mal ou bem utilizados, derruir o pedestal do Espírito. Em vista disso, resguarde-se da provocação de fenômenos, quaisquer que sejam, se deseja ter o intercâmbio sadio com o «outro lado» assegurado. Aguarde na meditação e no bom procedimento, considerando que a terra, como médium da vida, traz à luz do sol o fruto que sacia a fome da humanidade: nada disso, todavia, pode ser feito às pressas.

... Transmitir comunicações mediúnicas instrutivas depende da disposição moral em que cada um se encontre.

... O médium consciencioso é um delicadíssimo receptor de ondas, oriundas de outras faixas de vida.

... Há médiuns diversos: nenhum pode reproduzir identicamente a realidade do outro: não se repetem exatamente as faculdades, podendo — quando muito — ser semelhantes.

Convença-se de que todos podemos realizar algo em benefício do próximo. Não se subestime nem se supervalorize. Você é simplesmente você... mais ninguém. Você é uma peça na engrenagem. Sempre haverá sintonias mais finas: eis a contigência da própria evolução.

Para finalizar, afaste-se das mesas mediúnicas onde grasse o elogio fácil, e não confie naqueles que lhe poupem todas as verdades, colocando panos quentes em todas as suas deformações: não agrida nunca, mas jamais seja veículo da irresponsabilidade verbal, que destrói. Lamente o erro, mas não apodreça nele. Considere que é urgente que nos ergamos sobre os joelhos desconjuntados, aplicando no trabalho as mãos cansadas. Não viva de comparações: trabalhe.

Não comente em demasia: perdoe e trabalhe.

Não se deixe melindrar com tanta freqüência: edifique-se na luta, porque a luta não é faculdade, mas uma imposição por excelência, para que aquela sirva à libertação, como prova de que — se nem tudo é cor-de-rosa —, nem por isso o Sol deixou de brilhar.

Os fenômenos mediúnicos podem ser de duas naturezas: fenômenos OBJETIVOS, nos quais há interferência do Espírito no plano físico, e fenômenos SUBJETIVOS, os que pressupõem a interferência do Espírito através do psiquismo do médium.

São modalidades de fenômenos objetivos ou de EFEITOS físicos, dentre outras, as seguintes:

Materialização — aparições fluídicas ou tangíveis.

Levitação — suspensão de corpos inertes no espaço sem ponto de apoio.

Tipologia — produção de ruídos, pancadas ou raps.

Bilocação — manifestação tangível de uma pessoa em dois lugares simultaneamente.

Voz direta — ocorrência de vozes, assobios ou cânticos sem incorporação pelo médium.

Transporte — condução de objetos de um lugar para outro.

Pneumatografia — escrita direta dos Espíritos sem o concurso da mão do médium.

Curas — efeitos físicos nas cirurgias mediúnicas e curas magnéti;cas pela imposição das mãos ou pela prece.

Transfiguração — o Espírito comunicante modifica o aspecto ou a feição do médium.

Dentre as várias modalidades de fenômenos subjetivos podem ser citadas, dentre outras, as seguintes:

Incorporação ou falantes — médiuns que falam sob a influência dos Espíritos.

Vidência — faculdade de ver e identificar Espíritos.

Psicografia — escrita dos Espíritos pela mão do médium.

Xenoglossia — faculdade de falar ou escrever em língua desconhecida do médium.

Dupla personalidade — pessoa que se comporta como personagem diversa.

Pressentimento ou premonição — conhecimento de fatos que irão ocorrer no futuro, profecias e advinhações.

Intuição — em que os Espíritos se comunicam pelo pensamento.

Excerto de uma página psicografada pelo médium Gilberto C. Guarino, reunião pública na Federação Espírita Brasileira, Rio de Janeiro, RJ.)



ORIGEM E DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA UMBANDA.

1. Em fins do século passado, existiam, no Rio de Janeiro, várias modalidades de culto que denotavam, nitidamente, a origem africana,embora já bem distanciadas da crença trazida pelos escravos. A magia dos velhos africanos, transmitida oralmente, através de gerações, desvirtuara-se, mesclada com as feitiçarias provindas de Portugal onde, no dizer de Morales de los Rios, existiram sempre feitiços, rezas e superstições.

As «macumbas» — mistura de catolicismo, fetichismo negro e crenças nativas — multiplicavam-se; tomou vulto a atividade remunerada do feiticeiro; o «trabalho feito» passou a ordem do dia, dando motivo a outro, para lhe destruir os efeitos maléficos; generalizaram-se os «despachos», visando obter favores para uns e prejudicar terceiros; aves e animais eram sacrificados, com as mais diversas finalidades; exigiam-se objetos raros para homenagear entidades ou satisfazer elementos do baixo astral. Sempre, porém, obedecendo aos objetivos primordiais: aumentar a renda do feiticeiro ou «derrubar» — termo que esteve muito em voga — os que não se curvassem ante os seus poderes ou pretendessem fazer-lhe concorrência.

Os Mentores do Astral Superior, porém, estavam atentos ao que se passava. Organizava-se um movimento destinado a combater a magia negativa que se propagava assustadoramente; cumpria atingir, de início, as classes humildes, mais sujeitas às influências do clima de superstições que imperava na época.

Formaram-se, então, as falanges de trabalhadores espirituais, que se apresentariam na forma de Caboclos e de Pretos-velhos, para mais facilmente serem compreendidos pelo povo. Nas sessões espíritas, porém, não foram aceitos: identificados sob essas formas, eram considerados espíritos atrasados e suas mensagens não mereciam nem mesmo uma análise. Acercaram-se também dos Candomblés e dos cultos então denominados «baixo-espiritismo» — as macumbas. É provável que, nestes, como nos Batuques do Rio Grande do Sul, tenham encontrado acolhida, com a finalidade de serem aproveitados nos trabalhos de magia, como elementos novos no velho sistema de feitiçaria.

A situação permanecia inalterada, ao iniciar-se o ano de 1900. As determinações do Plano Astral, porém, deveriam cumprir-se.

2. Em 15 de novembro de 1908, compareceu a uma sessão da Federação Espírita, em Niterói, então dirigida por José de Souza, um jovem de 17 anos, de tradicional família fluminense. Chamava-se ZÉLIO FERNANDINO DE MORAES. Restabelecera-se, no dia anterior, de moléstia cuja origem os médicos haviam tentado, em vão, identificar. Sua recuperação inesperada por um espírito causara enorme surpresa. Nem os doutores que o assistiam nem os tios, sacerdotes católicos, haviam encontrado explicação plausível. A família atendeu, então, à sugestão de um amigo, que se ofereceu para acompanhar o jovem Zélio à Federação.

3. Zélio foi convidado a participar da Mesa. Iniciados os trabalhos, manifestaram-se espíritos que se diziam de índios e escravos. O dirigente advertiu-os para que se retirassem. Nesse momento, ZÉLIO sentiu-se dominado por uma força estranha e ouviu sua própria voz indagar por que não eram aceitas as mensagens dos negros e dos índios e se eram eles considerados atrasados apenas pela cor e pela classe social que declinavam. Essa observação suscitou quase um tumulto. Seguiu-se um diálogo acalorado, no qual os dirigentes dos trabalhos procuravam doutrinar o espírito desconhecido que se manifestava e mantinha argumentação segura. Afinal, um dos videntes pediu que a entidade se identificasse, já que lhe aparecia envolta numa aura de luz.

— Se querem um nome — respondeu ZÉLIO inteiramente mediunizado — que seja este: sou o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, porque para mim não haverá caminhos fechados.

E, prosseguindo, anunciou a missão que trazia: estabelecer as bases de um culto, no qual os espíritos de índios e escravos viriam cumprir as determinações do Astral. No dia seguinte, declarou ele, estaria na residência do médium, para fundar um templo, que simbolizasse a verdadeira igualdade que deve existir entre encarnados e desencarnados.

— *Levarei daqui uma semente e vou plantá-la no bairro de Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa.*

4. No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, na residência da família do jovem médium, na Rua Floriano Peixoto, 30, em Neves, bairro de Niterói, a entidade manifestou-se, pontualmente no horário previsto — 20 horas.

Ali se encontravam quase todos os dirigentes da Federação Espírita, amigos da família, surpresos e incrédulos, e grande número de desconhecidos, que ninguém poderia dizer como haviam tomado conhecimento do ocorrido. Alguns aleijados aproximaram-se da entidade, receberam passes e, ao final da reunião, estavam curados. Foi essa uma das primeiras provas da presença de uma força superior.

Nessa reunião, o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS estabeleceu as normas do culto, cuja prática seria denominada «sessão» e se realizaria à noite, das 20 às 22 horas, para atendimento público, totalmente gratuito, passes e recuperaçao de obsedados. O uniforme a ser usado pelos médiuns seria todo branco, de tecido simples. Não se permitiria retribuição financeira pelo atendimento ou pelos trabalhos realizados. Os cânticos não seriam acompanhados de atabaques nem de palmas ritmadas.

A esse novo culto, que se alicerçava nessa noite, a entidade deu o nome de UMBANDA, e declarou fundado o primeiro templo para a sua prática, com a denominação de Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, porque:

«assim como Maria acolhe em seus braços o Filho, a Tenda acolheria os que a ela recorressem, nas horas de afição».

Através de Zélio manifestou-se, nessa mesma noite, um Preto-velho, Pai Antônio, para completar as curas de enfermos iniciadas pelo Caboclo. E foi ele quem ditou este Ponto, hoje cantado no Brasil inteiro:

«Chegou, chegou, chegou, com Deus,
Chegou, chegou, o Caboclo das Sete Encruzilhadas».

5. A partir dessa data, a casa da família de Zélio tornou-se a meta de enfermos, crentes, descrentes e curiosos. Os enfermos eram curados; os descrentes assistiam a provas irrefutáveis; os curiosos constatavam a presença de uma força superior; e os crentes aumentavam, dia a dia.

Cinco anos mais tarde, manifestou-se o Orixá Malé, exclusivamente para a cura de obsedados e o combate aos trabalhos de magia negra.

6. Passados dez anos, o CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS anunciou a segunda etapa da sua missão: a fundação de sete templos, que deveriam constituir o núcleo central para a difusão da Umbanda.

A Tenda da Piedade trabalha ativamente, produzindo curas, principalmente a recuperação de obsedados, considerados loucos, na época. Já então se contavam às centenas as curas realizadas pela entidade, comentadas em todo o Estado e confirmadas pelos próprios médicos, que recorriam à Tenda, em busca da cura dos seus doentes. E o Caboclo indica-

«Não importa quantos passos Você deu para trás. Importa quantos passos Você vai dar para frente — Décio Melhem.»

«E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai... — Jesus».

«O melhor lugar do mundo é aqui e agora — Gilberto Gil».

«Por favor não confundam Umbanda com *um bando* de pessoas irresponsáveis, inconseqüentes sem nenhuma consciência do que praticam. — Omolubá/78».

va, nas relações que lhe apresentavam com o nome dos enfermos, os que poderia curar: eram os obsedados, portadores de moléstias de origem psiquica; os outros, dizia ele, competia à medicina curá-los. (*Relato de Marinho M. Ferreira*). Zélio, já então casado, por determinação da entidade, recolhia os enfermos mais necessitados em sua residência, até o término do tratamento astral. E muitas vezes, as filhas, Zélia e Zilmeia, crianças ainda, cediam o seu aposento e dormiam em esteiras, para que os doentes ficassem bem acomodados.

7. Nas reuniões de estudos que se realizavam às quintas-feiras, a entidade preparava os médiuns que seriam indicados, posteriormente, para dirigir os novos templos. Fundaram-se, assim, as Tendas N. Sra. da Guia, N. Sra. da Conceição, Santa Bárbara, São Pedro, Oxalá, São Jorge e São Jerônimo. Seus dirigentes foram: Durval de Souza, Leal de Souza, João Aguiar, José Meireles, Paulo Lavois, João Severino Ramos e José Álvares Pessoa, respectivamente.

8. Pouco depois, a UMBANDA começou a expandir-se pelos Estados. Em São Paulo, fundaram-se, na capital, 23 tendas e 19, em Santos. E, a seguir, em Minas, Espirito Santo, Rio Grande do Sul. Em Belém — relata Evaldo Pina — fundou-se a Tenda Mirim de São Benedito, dirigida por Joaquim e Consuelo Bentes. Ele, capitão do Exército, que servia na Capital da República, transferiu-se para o Pará, exclusivamente para levar a mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Confirmava-se a frase pronunciada na Federação Espírita: «Levarei daqui uma semente e vou plantá-la no bairro de Neves, onde ela se transformará em árvore frondosa...»

9. Em 1937, os templos fundados pelo CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS reuniram-se, criando a Federação Espirita de Umbanda do Brasil, posteriormente denominada União Espiritualista de Umbanda do Brasil. E, em 1947, surgiu o JORNAL DE UMBANDA que, durante mais de vinte anos, foi um órgão doutrinário de grande valor.

ZÉLIO DE MORAES instalou federações umbandistas em São Paulo e Minas Gerais.

EFEMÉRIDES DA UMBANDA

SEUS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

15 de novembro de 1908 — Zélio de Morais, então com dezessete anos, mediunizado com uma entidade que deu o nome de *Caboclo das Sete Encruzilhadas*, funda, em Neves, subúrbio de Niterói, o primeiro Terreiro de Umbanda. Usa pela primeira vez o vocábulo UMBANDA, atende a milhares de pessoas doentes e define o movimento religioso como: *«Uma manifestação do espírito para a caridade»*.

Novembro de 1918 — O Caboclo das Sete Encruzilhadas dá início à fundação de sete Tendas de Umbanda e as entrega aos srs. Durval de Souza, João Aguiar, Leal de Souza, José Meireles, Paulo Lavois, João Severino Ramos e José Alvares Pessoa. Todas as Tendas foram fundadas no Rio de Janeiro, sendo a última em 1937.

Ano de 1920 — A Umbanda espalha-se pelos Estados de São Paulo, Pará e Minas Gerais. Em 1926, chega ao Rio Grande do Sul o primeiro Terreiro de Umbanda, fundado por Otacílio Charão, na cidade de Rio Grande. Em 1932, Laudelino de Souza Gomes funda um terreiro de Umbanda em Porto Alegre, o primeiro naquela Capital.

Ano de 1939 — Os templos fundados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas reuniram-se, criando a Federação Espírita de Umbanda do Brasil, posteriormente denominada União Espiritualista de Umbanda do Brasil, incorporando dezenas de outros terreiros fundados por inspiração de «entidades» de Umbanda que trabalhavam ativamente no astral sob a orientação do fundador da Umbanda.

Outubro de 1941 — Reúne-se o Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda. Outros Congressos havidos posteriormente retiraram acertadamente o nome *espiritismo* que, de fato, pertence aos espíritas brasileiros, os quais seguem a respeitável doutrina codificada por Alan Kardec. Em suma, o espirita pratica o *espiritismo*; na Umbanda pratica-se o *umbandismo*.

Dia 12 de setembro de 1971 — Criado na Cidade do Rio de Janeiro o primeiro organismo de caráter nacional. Tomou o nome de CONDU — Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda* cujos órgãos fundadores foram:

União Espiritualista de Umbanda do Brasil
Presidente — Floriano Manoel da Fonseca †

Primado de Umbanda
Presidente — Domingos dos Santos †

Congregação Espírita de Umbanda do Brasil
Presidente — Martinho Mendes Ferreira

Confederação Nacional E. Umbandista e dos Cultos Afros
Presidente — Mauro do Rego Monteiro Porto †

Federação Nacional das Sociedades Religiosas de Umbanda
Presidente — Jerônimo de Souza

Novembro de 1978 — Surge o livro *Fundamentos de Umbanda, Revelação Religiosa*, portador da mensagem do astral, trazendo, por fim, após 70 anos de existência da Umbanda, as bases teológicase norteadoras da doutrina umbandista, com *fundamentos* integrais da novel religião e sua verdadeira origem. O livro expõe a estrutura básica do movimento religioso, no sentido de elevar a Umbanda à justa posição de *Religião* eminentemente brasileira.

A etimologia da palavra Umbanda está consignada em dicionário próprio como «arte de curar». Revela notar, entretanto, que este vocábulo sofreu alteração semântica, vindo a significar, no conceito do Caboclo das Sete Encruzilhadas «a uma manifestação do espirito para a caridade», expressão que recebeu total aprovação do povo. Igual alteração sofreu a palavra Cristo, que todos pensavam ser de primeira mão, sendo, no entanto, de franca usança entre os gregos com a acepção de Chrestus, «o ungido», antecedendo portanto a Jesus — *fundador* do Cristianismo.

* Contam-se atualmente mais de 46 Federações, de norte a sul do pais, reunindo representantes de mais de 40.000 Terreiros de Umbanda.

«Confessar seus defeitos é indício de bom senso.»
«Quem se arrepende de ter pecado, é quase inocente.»

«Onde existe a verdade não existe o Eu — Buda».
«Para compreender o divino é preciso ter o senso divino».

PERÍODOS HISTÓRICOS

Primeiro Período

Decorridos setenta anos de existência da Umbanda no Brasil, compreendidos entre 1908/1978, passou esse curto espaço de tempo, porém significativo, a ser conhecido entre os estudiosos da causa como Período-Propagação da única e genuína força de credo, nascido neste século, em terras brasileiras.

Certamente que Zélio de Morais, famoso médium já desencarnado, através do qual foi possibilitada a manifestação mediúnica de um espírito que a si próprio deu o nome de Caboclo das Sete Encruzilhadas, fundador da novel religião, não iria supor, jamais, que passadas menos de seis décadas, aquela crença, nascida no modesto bairro de Neves, então Nictheroy, fosse classificada, entre as religiões existentes, como a segunda do país, comportando mais de vinte milhões de seguidores — segundos dados estatísticos oficiais, apresentados pelo IBGE — num crescendo espantoso de fiéis, apesar das perseguições policiais a que foi submetida, das intrigas da religião majoritária, além do completo descaso de todos os governos até a data atual, mesmo tratando-se de uma preferência natural, espontânea, de mais de um sexto da população.

Hoje, o movimento mágico e religioso da Umbanda estende-se por todo o Brasil, professado com pobreza e humildade, sem proselitismos, sem exploraçoes na magra bolsa do povo, sem dizimos compulsórios, mistérios mistificantes e regular envio a «royalties da fé» para o exterior.

Embora a Umbanda se apresente, muitas vezes, um tanto desfigurada, com nuanças religiosas, reconhecemos que isso decorre desse período-propagação, no afã de conquistar almas, ainda que respeitando ambiências regionais. E nunca deixou, através das verdadeiras guias, de oferecer amparo prático, ajuda, orientação e, sobretudo, de inspirar o desejo de reascendimento dos corações que dela se socorrem, apontando sempre a eterna chama da esperança de dias melhores, calcados, naturalmente, na ação correta de cada instante, na cordura, no companheirismo e na fraternidade.

O Segundo Período

Os mentores da Umbanda, sediados na Aruanda, já determinaram sabiamente o procedimento normativo, religioso para os setenta anos vindouros, 1979/2049, como sendo o período de Afirmação Doutrinária. Obviamente, a* doutrina *de Umbanda ficará como ponto essencial para a estabilidade e perpetuação desse movimento, na forma digna, ensejada pelo estudo constante, a par do esforço sincero de cada devoto, no sentido de conduzir a Umbanda, no plano físico, a um merecido status de religião organizada, a serviço da comunidade religiosa nacional.*

A afirmação doutrinária da Umbanda, em termos teológicos, preconizada pelos mentores, está baseada nos Fundamentos da Umbanda**, *arcabouço singelo, mas suficiente, não só para a admissão de estudos complementares, mas também para o continuo despertar na alma das multidões sofridas — espezinhadas pelo denso materialismo — anseios de espiritualidade e conseqüente propósito de prosseguirem na caminhada evolutiva, direcional ao Ser Supremo, nosso amado Pai OLORUM.*

No imenso campo místico da nossa terra, onde proliferam, abundantemente, conceituações religiosas diversas, algumas das quais exóticas, eivadas de superstiçcoes, interpretações confusas e duvidosas, mercantilismo, fanatismo, mistificações, «curas divinas» e desonesto profissionalismo pastoral, a Umbanda, sobranceira, erguerá seu edifício religioso, tendo como obreiros da primeira e da undécima hora, devotos excepcionais, médiuns sinceros, babalorixás e ialorixás honestos que, há muito, já assumiram posição na hierarquia de responsabilidade e trabalho, cônscios de que a quantidade será relegada a segundo plano, em proveito da qualidade, e convictos de que, em matéria doutrinária, nnao pode nem deve haver transigências oportunistas, confirmando-se, desse modo, que «Umbanda é coisa séria, para gente séria.»***

* Cidade localizada no plano astral.

** Apresentado no livro FUNDAMENTOS DE UMBANDA — Edição Equipe — 1978. Esgotado.

*** Moab Caldas (R.S.) .)

III-SETE PROGRESSÕES EVOLUTIVAS

As Sete Linhas de Umbanda

Linha dos Devotos – Destina-se a todos aqueles que acorrem à Umbanda, em busca de lenitivo para os seus problemas de ordem física, moral e espiritual.
Não distingue credo, nacionalidade nem cor; todos encontram assistência, desde que não haja implicação cármica.
Devotos são os milhões de criaturas que praticam o ritual da Umbanda, aceitando a orientação ministrada por entidades do plano superior.

Linha Sacerdotal – Linha de grande responsabilidade para os militantes que aconselham, esclarecem e orientam os "filhos de fé". O sacerdote (o babalorixá ou a ialorixá) é o baluarte da Umbanda no plano físico. Seu mister é trazer ao plano físico, pela mediunidade, as forças astrais para favorecimento próprio e de quantos dele dependem.

Linha das Almas – Composta de seres do plano astral que, conforme a solicitação dos encarnados, têm desempenho marcante no ritual umbandista. Sobreleva notar que, já despojados do corpo físico, procuram ensinar pelo exemplo e incutir virtudes como paciência, tolerância, simplicidade, lealdade, desejo de conhecimento e estudo, amor ao próximo etc.

Linha da Magia – Em todos os tempos e civilizações, as grandes decisões para o engrandecimento humano foram tomadas com o respaldo da força mágica.
A Umbanda é a *magia do ritmo;* nela se encontra todo o poder do sacerdote e das "entidades" que se manifestam mediunicamente.

Linha do Oriente – A Umbanda busca aproximar seus seguidores, os "filhos de fé", do enlace lógico e natural do Oriente com o Ocidente através de seus arcanos, em perfeita consonância com seus rituais, e destacando, particularmente, as leis de Carma, Reencarnação e Evolução.

Linha das Encarnações Humanas e Divinas – Linha que, como nenhuma outra, tende a promover a perfeição de todos que cumprem as leis da evolução do espírito através da forma, visando à expansão da consciência de cada ser humano.
A Umbanda aceita todos indivíduos de qualquer religião, posição político-social, raça etc. ou de qualquer condição resultante de existências passadas. Importa, sim, que tenham granjeado experiências e procurado torná-las úteis à comunidade – através do magistério, das profissões liberais, das artes, das invenções, do artesanato etc., sem visar a compensações.
Consideramos *divinas existências* aquelas que são animadas do propósito de nos trazer elucidações através de conceitos de sabedoria. São os mensageiros de uma experiência proveniente de sucessivas reencarnações, trabalhando, tão-somente, para o bem da humanidade. A Umbanda homenageia todos aqueles que atingiram esse estágio, o da 6ª Linha: o das ENCARNAÇÕES HUMANAS E DIVINAS.
Dentre as incontáveis encarnações humanas desse nível, lembramos, com admiração, especialmente no mundo moderno e atual, os nomes de Pasteur, Marconi, Graham Bell, Edison, Santos Dumont, Einstein, Dr. Sabin, Chico Xavier, Irmã Dulce da Bahia, Madre Teresa de Calcutá...
E, entre as encarnações divinas, podemos assinalar as figuras de Hermes Trismegisto, Zoroastro, Moisés, Krishna, Rama, Orfeu, Pitágoras, Buda, Ramakrishna, Ramana Maharishi, Krishnamurti, o nosso amado Jesus e outros.

Linha dos Orixás – Atende aos seres classificados na ordem dos orixás que tomam esse nome por caracterizarem as forças cósmicas que, no descenso ao plano físico, recebem as mais variadas formas, consoante as necessidades dos vários reinos da Natureza.
A evolução dos seres desta Linha vai das mais grosseiras formas da matéria até a mais alta expressão de um ser divino. Assim, partindo do elemental e atrevessando tempos sem fim, atingem o grau excelso de um orixá.
Habitantes dos vários reinos da Natureza, estes seres, conforme o meio, têm o seu desenvolvimento nos elementos terra, água, fogo e ar. Cada um deles possui um corpo adequado à densidade do meio.
A natureza manifestada é o campo de experiência do poder e da vontade dos orixás – os divinos seres que colaboram efetivamente nos planos construídos pelo Criador Incriado – o nosso Pai Olorun.

APONTAMENTOS

Sessenta trilhões de células, altamente especializadas e compactamente arrumadas, compõem o corpo humano. São unidades ativas, crescentes e condutoras de energia. Trezentos milhões de células morrem a cada minuto e logo são substituídas. Outras conseguem viver até 1 ano (algumas células localizadas no fígado). Esse trabalho eminentemente físico cabe a Omolu — O Senhor da Morte, da Transformação. O mesmo acontece — em escala relativa — nos reinos mineral, vegetal e animal.

No plano emocional e mental, essa transformação ocorre nas criaturas predominantemente pela percepção, compreensão e desejo de viverem o «verdadeiro viver», evoluindo e aprimorando-se através do conhecimento de si mesmas.

O orixá Omolu vem, pela destruição e pela morte, limitar tudo e todos, momentaneamente, para que haja o processo da vida infinita e eterna.

* * *

A «obrigação», ou seja, a arriada de elementos para determinado Orixá só pode ser executada e conduzida por um Babalorixá ou Ialorixá, porque a «obrigação» é sempre acompanhada de um rito próprio a cada caso e, evidentemente, faz parte da Iniciação do devoto. Não é uma oferenda no sentido de dar, ofertar, presentear, doar etc., mas, sim, no sentido de cumprir votos, de atender a preceitos, de afirmar, de realizar o rito. Na Umbanda, as «obrigações» são feitas exclusivamente no processo Iniciatório. Exemplo: — «Obrigações na Vinculação do devoto ao Templo juntamente com seus guias», que é a primeira de um ciclo de sete, e assim por diante. (Aguardar o Caderno nº. 4).

«Se uma religião não atinge nem esclarece a inteligência, se não purifica e eleva as emoções, não alcança o seu fim».

A «oferenda» é a oferta espontânea que um «filho de santo», simpatizante ou até mesmo descrente faz a uma alma desencarnada ou ao Orixá. Pode ser efetuada sem o auxílio do Sacerdote, desde que eles tenham, algum conhecimento dos aviamentos certos e consentâneos às entidades escolhidas.

O «engambelo» é o tipo de «obrigação» ou «oferenda» destinada exclusivamente a Exu ou Pomba-gira. No primeiro caso, faz parteda 2ª. Obrigação Iniciatória; nos demais casos, é feito de acordo com a vontade e a necessidade de cada um.

O «agrado» é a oferenda feita às almas: Caboclo, Preto-Velho e Exu; são presentes mínimos tais como, uma flor, uma vela, uma fruta, uma bebida etc. O «agrado» também pode ser feito ao Babalorixá, Ialorixá, Mãe-pequena ou a outro «irmão de santo». Pequenos presentes de valor afetivo e que podem ser divididos entre todos.

* * *

Nada mais grato às entidades do que comprovarem que seus intermediários (cavalos, aparelhos, médiuns, sensitivos) estejam sempre asseados, perfumados de ervas, e, sobretudo, com pensamentos fraternos.

* * *

O sal grosso é um elemento de «descarrego» dos mais usados na «limpeza» etérica do ente humano. É um removedor ideal, barato e prático das impurezas astrais. Algumas vezes pode e deve ser usado da cabeça aos pés. Um banho de mar realizado conscientemente produz efeitos benéficos.

«Encontrar o orixá é mais pura forma de devoção. Comece por si mesmo».

Os «despachos» ou «arriadas» (ebós, oferendas, bozós etc.) não devem ser efetuados nas ruas da cidade em virtude da existência de gases letais como: monóxido de carbono, hidrocarbonetos, óxido de nitrogênio, entre outros, que destroem, por completo, a eficiência etérica do «despacho», impedindo que a energia concentrada do mesmo passe para o plano astral onde seria recolhido pelas entidades a que se destinam. Resultado: perda de aviamentos, tempo, dinheiro, sujeira do local e prova de incompetência do mandante a inútil empreitada. Os «despachos» só devem ser arriados fora do perímetro urbano.

* * *

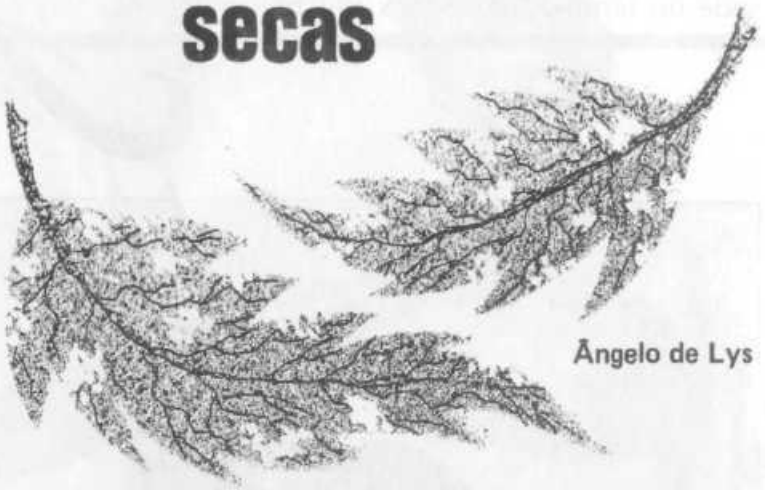
Em todos os Templos de Umbanda, a responsabilidade primeira e última é sempre de um Caboclo ou uma Cabocla, de um Preto-Velho ou uma Preta-Velha, ou até de um Boiadeiro com a assistência direta de um Exu ou Pomba-gira da Casa que chefia e coordena todos os trabalhos, que lhe são pertinentes, com outros exus e quiumbas que compõem a guarda da Tenda. Obrigatoriamente o Exu da casa e seu auxiliar imediato, o Exu da porteira, residem no Templo.

Os Exus ficam num cômodo próprio onde se guardam os aviamentos — charutos, velas preto-vermelhas, alguidares, bebidas (marafos), sacolas com guias (colares), litros de dendê, farinha etc. É ali mesmo que se processam os ebós destinados aos diversos «trabalhos». Este recinto é conhecido por todos como a «casa de exú». Sempre fechada, longe das vistas dos curiosos, só é aberta quando ocorrem giras de exú. O acesso a este compartimento, fora daí, só é permitido ao Zelador ou ao Pai-pequeno, para limpeza, execução de trabalhos e arrumação das firmezas.

«Salvai uma criança e não haverá mais homens a punir — Randal».

«Existem pessoas tão ignorantes que ignoram a própria ignorância... Pior ainda, se julgam sabidos».

Folhas secas



Ângelo de Lys

Desolada, tristonha, ei-la a despedir-se da ramagem amiga
Açulada por frios ventos, descortina o outono na cerração
Voluteja, plainando ao desamparo, nervosa, ensaia vida...
Falaz destino, resignada pousa na folhada do sepulcro chão.

Mas eis que, prenhe vida no húmus do solo se alardeia
Frágil folha, amarelecida, expira, em sua última fragrância
Enquanto seu reino na química simbiótica se franqueia
Da fibra sepultada su'alma feliz evade-se à culminância...

Sem compreender, choramos... o físico se amortalha;
O ser, liberta-se do concreto; a centelha vai ao zênite
Só, na lama, desarranjado despojo logo se embaralha.

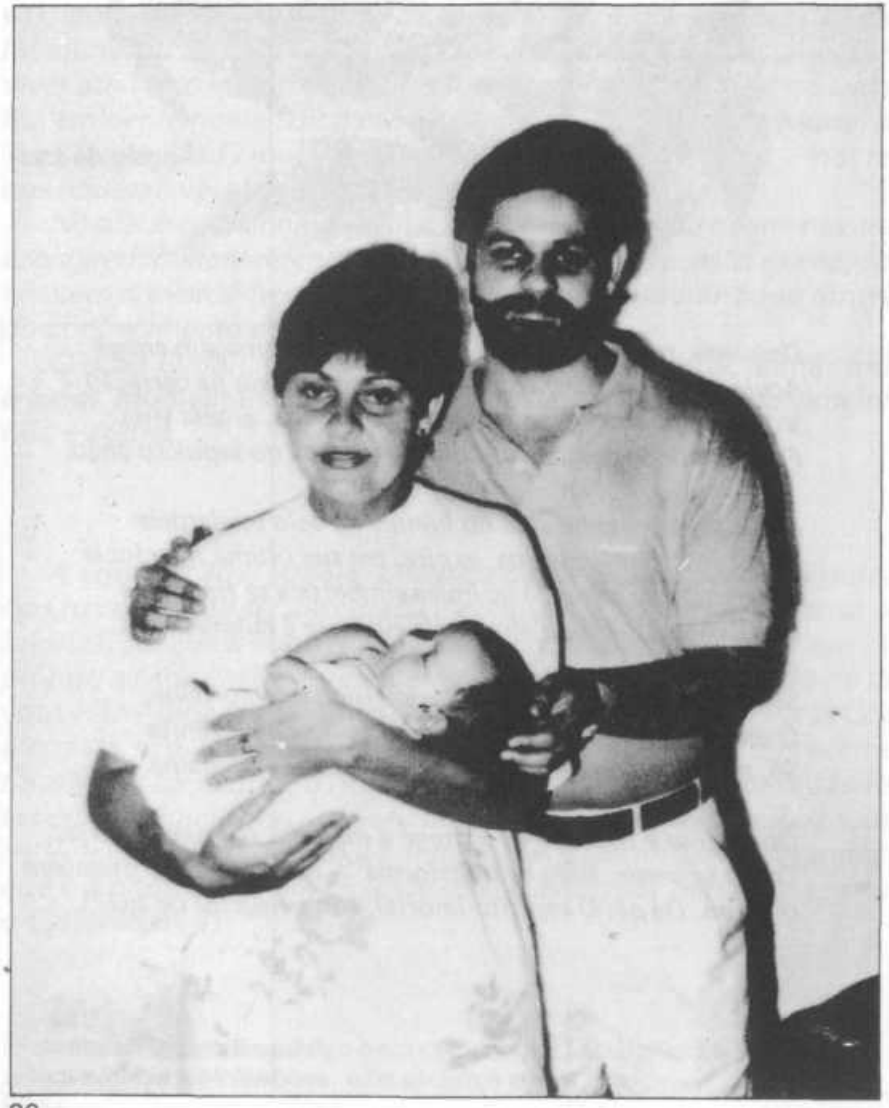
Oblitera-se a feia forma. Estruge a matéria. A equação aduz;
"nada se perde, tudo se transforma". Incônscio pede passagem
o corpo. De pé: O espírito imortal, sorve haustos de LUZ!

Psicografado por Omolubá em 04/6/74

Batizado na Umbanda

Flagrantes de um batizado realizado em Janeiro/1989, na sede do Templo CHRISTUS. Rio, bairro do Lins.

ASPECTOS





Vovós-corujas amparam o recém-nascido, divergindo apenas em que os traços fisionômicos do mesmo se parecem muito com o próprio... Pode?

O batizado Yuri Andrade Pereira, com 41 dias de nascido, nos braços de sua mãe Elisabeth Duarte de Andrade, junto ao pai Vladimir da Silva Pereira.

Os padrinhos são os segundos pais, seja no carinho imediato seja no auxílio material necessário.





«Um sacramento assemelha-se a um cadinho, no qual se elabora a alquimia espiritual».

Que o Sal — símbolo do plano terráqueo — dê ao batizando saúde plena, muita energia e disposição para a vida terrena. Cabe, no entanto, inicialmente, aos pais, avós, tios e padrinhos o cuidado e a proteção devidos à sua integridade física.

Tudo isso pela Graça de OLORUN — Glória a Olorun.

Que a Água — símbolo do emocional — nele desperte, agora e sempre, sentimentos fraternos, compreensão, boa vontade para com os semelhantes e, sobretudo, o zelo que deverá ter com a natureza mineral, animal e vegetal do planeta. Pais, padrinhos e familiares muito poderão fazer, observando e orientando o batizando nos seus primeiros passos. Tudo isso sempre pela Graça de OLORUN — Glória a Olorun.

Que o Azeite — símbolo do mental — acorde a inteligência egóica do batizando, com pensamentos dignos e superiores, a fim de que ele possa saudar a mente universal. Pais, padrinhos e familiares muito se alegrarão por terem contribuído decisivamente na formação de um ente humano.

Aí, a Graça se fará. — Glória a OLORUN.

Yuri Andrade Pereira está batizado.

GLOSSÁRIO

M

Macaia — Determinado local na mata onde Terreiros de Umbanda comparecem anualmente, ou de dois em dois anos, para realizarem cerimônias nos rios, cachoeiras, pedreiras e vales em intimidade com a natureza, para aurir forças energéticas, vitais ao corpo físico e astral dos devotos.

Macumba — Instrumento de percussão de procedência africana, popularmente conhecido por reco-reco. Constituído de um tubo de taquara, onde são atritadas uma ou duas varetas; a macumba ficava entre a barriga do tocador e a parede. Muito semelhante ao ganzá. Nome genérico que os leigos dão para designar cultos afro-brasileiros. Sinônimo, para os leigos, de «despachos», feitiçaria, bozós etc.

Macumbado — Diz-se de uma pessoa que está magiada, enfeitiçada, obsidiada, apresentando sinais de excitamento, maneiras estranhas, fora do normal, com fortes estados de depressão.

Macumbeiro — Que toca o instrumento macumba, já em desuso. Popularmente aquele que faz feitiçaria. Termo pejorativo dado a quem frequênta ou pratica sessões dos cultos afro-brasileiros.

Mandinga — Expressão trazida pelos negros mandingas. Popularizada como feitiço, «coisa feita»,«trabalho feito», sortilégios, encantamentos. Praga jogada em voz alta.

Mandingueiro — Aquele que faz mandinga. Pessoa versada nos encantos e feitiços.

Madrinha — Nome dado a pessoa que acompanha o iniciando na sua «deitada para sacerdote», auxiliando-o durante a cultuação aos orixás. Mãe-de-santo em candomblés de caboclo.

Mãe — Tratamento respeitoso, carinhoso, dado não só aos orixás Yemanjá e Oxum como também às Ialorixás.

Mãe-de-cabeça — Orixá feminino que atua sobre o devoto. A atuação é sempre de dois orixás, sendo um (convencionalmente) feminino e outro masculino.

Mãe-d'Água — Ser fantástico que habita o fundo das águas dos rios, segundo as lendas brasileiras. Oxum é um orixá das águas doces; outros orixás femininos dominam outros elementos aquáticos tais como lagoas, mares, chuvas etc.

Mãe-de-santo — Nome por que é conhecida a dirigente feminina de um Terreiro. O mesmo que Ialorixá, Zeladora, Mãe, Madrinha. Sacerdotisa-chefe dos cultos afro-brasileiros. Aquela que dirige, zela, coordena os trabalhos ritualísticos da «casa de santo». Também se ouve dizer «mãe-no-santo».

Mãe-grande — O mesmo que mãe-de-santo. Ialorixá principal que comanda o Templo.

Mãe-pequena — Ialorixá que secunda o trabalho sacerdotal da Mãe-grande, ou seja, da Ialorixá chefe.

Manifestação — Incorporação de um espírito. Transe mediúnico. Ato ou efeito de manifestar sentimentos, expressões ou revelações.

Magia — Meios (ciência-arte) com que se pretende empregar, conscientemente, poderes invisíveis, para obter efeitos visíveis.

Magia branca — Magia destinada ao bem onde

se empregam métodos naturais; também conhecida por teurgia. Empregada largamente na Umbanda pelas almas de Pretos-Velhos, Caboclos e Exus versados nas matérias.

Magia negra — Concernente à parte da magia que trata de trabalhos maléficos. Goércia. Atividades ritualísticas que contam com a assistência de espíritos inferiores. Algumas almas na Umbanda — Preto-Velho, Caboclo e Exu — conhecem sobejamente o processo, pois têm de fazer os desmanchos.

Maioral — Chefe, líder, cabeça de um grupo. Um dos nomes dado ao Exu, chefe do Templo.

Marafo — Aguardente. Também chamado por marafa. Bebida alcoólica usada pura ou em combinação com ervas ou mel. Seu consumo é restrito nas «giras de exu», assim mesmo com parcimônia. Auxilia na «limpeza» da parte etérea dos consulentes. Expressão de origem Ganto.

Malembe — Cânticos especiais para pedir misericórdia. A palavra foi modificada na Umbanda para *maleme*, como perdão, desculpa, auxílio, dirigida aos guias pelos devotos.

Maloca — Habitação indígena. Esconderijo, refúgio. Aldeia de índios.

Maloqueiro — Grupo de pessoas que não inspiram confiança.

Malocado — Diz-se de, ou o índio que vive aldeado. As almas dos índios malocados raramente saem das suas aldeias no plano astral para chegarem até os Terreiros de Umbanda, fezendo-o apenas nas festas ou «trabalhos» arriscados e perigosos. São trazidos por companheiros já tarimbados no convívio com os encarnados.

Mano — Tratamento comum entre Caboclos e Pretos-Velhos.

Mão-de-jogo — Aquele que, sendo médium, detém o processo divinatório através dos búzios e das cartas. Jogo de adivinhação.

Marabô — Nome do 1º. Foco da Organização dos Exus na Umbanda. Milhares de almas que trabalham neste Foco usam este nome para sua identificação junto aos encarnados e desencarnados. Palavra de origem do Yorubá; significa: «Aquele que se envolve com sua proteção».

Maria Padilha — Uma das mulheres mais importantes da Organização dos Sete Focos. Feminista, lutadora, ativista, pôs sua energia e vida, no plano astral, para libertar centenas de outras mulheres submetidas ao tenaz preconceito contra a mulher no início do século. Abraçou a religião de Umbanda quando a mesma estava ainda sendo delineada no plano astral. Faz parte do 7º. Foco — na 1ª. categoria. Um milhar de outras mulheres pombas-giras usam o nome de Maria Padilha em homenagem à intrépida lutadora umbandista.

Marmotagem — Trabalho enganoso. Ritual desqualificado não pertencente a nenhuma Nação do Candonblé nem da Umbanda. Diz-se popularmente (nordeste) de «coisa que não existe», erro ritualístico premeditado.

Marmoteiro — Aquele que pratica a marmotagem, enganando pessoas desavisadas com prática de falsos trabalhos de feitiçaria ou iniciação.

Matamba — Um dos nomes concernentes à divindade Iansã, no candomblé de Angola.

Matéria — Aquilo de que os corpos físicos são compostos. Substâncias das coisas. Referente ao corpo físico.

Maza — O mesmo que água. Termo usado no candomblé angola-congo e na Umbanda. Palavra de origem banto.

Médium — Pessoa que possui a faculdade mediúnica pela qual, durante o transe, serve de intermediário entre criaturas encarnadas e desencarnadas.

Médium pronto — Designação de um médium com sua mediunidade desenvolvida. Expressão errada, pois o médium

aprende e desenvolve sempre.

Médium de incorporação — Maneira de dizer errada, mas de designação já correntia nos meios espiritualistas, inclusive na Umbanda. Nenhum espírito incorpora no médium; apenas atua ao seu lado, através de pontos vitais (chakras).

Mediunidade — Faculdade que dá ao seu possuidor meios e modos de comunicar-se com o plano astral através de espíritos desencarnados. A mediunidade se apresenta sob dezenas de formas: materialização, levitação, tiptologia, voz direta, vidência, psicografia, curas, intuiçao e tantas outras modalidades.

Mel — Substância preparada, açucarada pelas abelhas à custa do néctar que recolhem de certas flores. É muito usado não só nos cultos afro-brasileiros como na Umbanda.

Menga — Sangue de animais sacrificados. Sem uso ritualístico na Umbanda.

Mensagem — Comunicação verbal ou escrita pelas entidades desencarnadas. Na Umbanda, o comum é a mensagem oral através dos médiuns ditos de «incorporação», mediunizados pelos Caboclos, Preto-Velhos etc.

Mesa — Sessão de Catimbó. Arrumar a mesa para o jogo divinatório.

Mesa de Oxalá — Toalhado branco estendido no chão do Templo onde são postas as «obrigações» e todo o aviamento necessário a esta sessão esotérica; cerimonial da 4ª. Obrigação do processo iniciatório do devoto na Umbanda.

Mestre — Denominação dada às entidades do Catimbó. Entre os vários conhecidos, destacamos: Mestre Carlos, Mestre Lúcio, Mestre Malunguinho, Mestre Juruara e outros. Existem também as Mestras: Bevenuta, Mestre Juciara, Mestra Maria do Acaís e demais trabalhadoras. Mestra é a pessoa que ensina e tem mais experiência no seu afazer.

Meu Pai — Tratamento dado pelos filhos de santo ao Babalorixá. Minha mãe, às Ialorixás. Também em referência ao «orixá de cabeça».

Miçangas — Contas miúdas, cilíndricas ou redondas, de cores diversas, usadas nos colares, pulseiras e enfeites, específicos na cor para cada oxirá ou alma. Conta de vidro ou massa vitrificada. As «guias» concernentes ao orixá na Umbanda nascem de uma «obrigação».

Mironga — Segredo, mistério,«coisa feita», encantamento. O mesmo que eró.

Moringa — Vasilha de barro, com gargalo, para refrescar a água. Na Umbanda, usada para servir água aos médiuns, quando necessário. Não se oferece bebida gelada ao sensitivo.

Mojubá — Um dos nomes de Exu. Cumprimento a Exu confirmando que ele é perigoso e arma emboscadas ao inimigo. Também pedido de respeito.

Macumba — Feitiçaria, velhacaria, contrabando, coisa advinda por meios fraudulentos.

Mujinga — Ritual secreto para limpeza do corpo etéreo do vitimado por doençça, descompasso psiquico, perseguição astral etc. Usam-se elementos dos reinos vegetal e animal, além do acompanhamento de entidades do operador. A mujinga só pode ser executada por um Babalorixá ou Ialorixá

Mungunzá — Também mugunzá. Mingau de milho branco com leite de coco ou de vaca. Conhecido por canjica no Centro e Sul do País. Comida votiva a Oxalá, nas obrigações e oferendas.

Muago-da-pedreira — Planta de Xangô. Muito usado na 5ª. Obrigação aos dois orixás, quando o devoto é filho do mesmo — Xangô.

Musgo marinho — Planta dedicada a Yemanjá.

N

Nação — Conjunto de pessoas geralmente fixadas num território e ligadas pela mesma origem, língua, sentimentos, interesses, tradições e aspirações. Denominação dada a rituais específicos, oriundos de grupos negros africanos aqui chegados como escravos: Jeje, Angola, Congo, Keto, Cabinda etc.

Nanã — Também Nanã Burukê, Nabuku, Anamburuku. Tida como a mãe primitiva, mãe de todos os orixás. Está associada à chuva, à lama e à morte. Na Umbanda, está situada no 1º. Raio com Yemanjá. É considerada como a mais velha deusa das águas.

Não está com o santo — Diz-se daquele que não está mediunizado, fingindo que está «recebendo» a alma portadora da mensagem. Anímico, embusteiro, enganador.

Neve branca — Planta dedicada a Oxalá. Muito usada nas «obrigações» e amacis. Neve Branca — Popular Pai-de-santo do candomblé baiano com 88 anos de idade.

Novo no santo — Considera-se «novo no santo» aquele que ainda não atingiu os sete anos de vivência religiosa na Umbanda.

O

Obaluaiê — Também conhecido como Obaluaê ou Abaluaiê. O mesmo que Omolu, o orixá da morte, da destruição, da transformação.

Obás de Xangô — Ministros de Xangô, número de 12. Deferência sócio-religiosa dada a pessoas no candomblé do Axé Opô Afonjá em Salvador-BA. Sem uso na Umbanda, embora reconhecidos como pessoas importantes, dignas e bem-vindas ao meio religioso umbandista.

Obé — Faca destinada exclusivamente ao sacrifício de animais. Sem uso na Umbanda.

Oberó — Alguidar, vasilha de barro muito usada nos cultos afro-brasileiros e também na Umbanda. Serve para «oferendas» e «obrigações».

Obrigação (ões) — Oferta ritualística dentro do processo iniciatório. Só podem ser realizadas com a presença, direção e critério do Sacerdote. Não confundir com «oferendas» que podem ser efetuadas espontaneamente pelos devotos em qualquer tempo.

Oferendas — Dádivas aos orixás ou às almas, feitas pelos devotos a fim de agradecer ou rogar por uma graça. Independe da presença do Sacerdote.

Ogã — No Candonblé, é um título honorífico dado a alguém de prestígio social. Na Umbanda é o tocador de atabaque ou de cântico.

Obrigação de Cabeça — O mesmo que «feitura de santo». Ambas as expressões alocadas ao Candomblé.

Obori — O mesmo que Bori. Cerimônia própria ao ritual no Candomblé, cuja finalidade é vitalizar a criatura no seu aspecto etéreo-astral. Sem uso na Umbanda que possui outros processos. instrumentos usados no rito umbandista.

Ogã de cânticos — Pessoa especialista em cantar e memorizar os diversos cânticos (mais de quatrocentos) do cantorio sacro da Umbanda.

Ogun — Orixá da Guerra, das demandas, das dificuldades a serem vencidas e abertura de caminhos. O mais popular dos orixás do panteão da Umbanda. Ocupa o 7º. Raio — Cerimonial e Magia. Muitos espíritos, no plano astral, manifestam-se nos Terreiros como Ogun Matinata, Marinho, Iara, de Lei, Beira-Mar e tantas outras denominações; são trabalhadores do Orixá afeitos aos elementos ar, fogo, terra e água.

Okê — Saudação aos Caboclos na Umbanda (Okê Caboclo). Saudação ao orixá Oxossi. (Okê arou) Palavra iorubana: okê (aquele que grita). Arô (título de honra entre autoridades civis).

Olho-grande — Magnetismo inferior, maléfico, ruinoso que certas pessoas possuem, até mesmo sem se dar conta de tal. Outras, sabedouras de que possuem essa faculdade, alimentam esse olhar danoso, com sua inveja, orgulho e malvadeza. O olho-grande anula, principalmente, a vitalidade de crianças de tenra idade, plantas e animais domésticos de pequeno porte.

Olorun — Deus supremo dos Yorubás. O sincretismo do africanismo na Umbanda trouxe a denominação Zambi — dos cultos bantos — para ser o Supremo Ser dos umbandistas. Os nomes de uma cultura multimilenária, pois *Aquele que tudo É* é indenominável, atemporal, infinito e eterno.

Omolocô — Palavra de origem Yorubá. Omo (filho) + oco (rocha, fazenda, sítio) — «Os filhos da fazenda». Movimento religioso, sincrético, remanescente dos antigos cultos de Cabula. Trabalha com as linhas de Monjolo, Cabinda etc. Encontra-se em fase de extinção, existindo apenas nos Estados de Minas, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

Omolu — Orixá da transformação, morte e destruição. A importância desse orixá é definida no consenso cósmico. Sendo a vida «uma sucessão de mortes», Ele é, com sua energia metamorfoseante, o elemento fundamental da existência universal. Ao equilíbrio da ação devastadora assiste o orixá Xangô.

Orixá de cabeça — O mesmo que «orixá de frente».

Ossâim — Também Ossãe, Ossanha, Ossanin. Orixá masculino dentro da convenção de dar sexo àqueles que não têm sexo. Orixá das folhas. Na mitologia indígena e tradições nacionais é sincretizado como: «amiga folhagem», caipora etc. A palavra ossayn vem de osan (luz divina) + iyn (glorificado).

Ouvinte — Qualidade de médium que escuta os espíritos desencarnados. Clariaudiência.

Oxossi — Ou Odé (caçador). Orixá ocupante do 4º. raio na Umbanda. Senhor das florestas, reconhecido como o pulmão do planeta. Detentor da atmosfera, estratosfera e gases existentes no universo.

Oxum — Orixá do rio Oxum em Oxogbo, província de Ibadam na Nigéria, África Ocidental. Orixá da devoção. É a Mãe que embala e pela mansuetude, dar um clima de respeito em todos os aspectos: da família doméstica à família humana. Ocupa o 6º. Raio da teologia umbandista. Senhora das águas doces, dos rios e lagos, por delegação da Grande Mãe Yemanjá.

Oxumaré — Está no mesmo Raio (o 6º.) do orixá Oxum. Na Umbanda, não dá filiação. Seu símbolo é o arco-íris. Teologia pouco conhecida no que tange à sua manifestação no plano físico e emocional. No plano mental é a transcendência de toda a ação criadora sem limites. É a extensão de todas as virtudes do orixá Oxum.

Oya — Orixá do rio Níger, África Ocidental. No Brasil, é Yansã.

ASPECTOS DOMINANTES NA UMBANDA*

Orixás	Cores	Escala Musical	Planetas	Dias da Semana	Metais	Elemental Dominante	Números
Yemanjá	Azul-Claro-Cristal	Si	Lua	2.ª-feira	Prata	água	1
Oxalá	Branca- Leitosa	Ré	Sol	Domingo	Ouro	fogo	2
Omolu	Preta e Branca	Fá	Saturno	Sábado	Chumbo	terra	3
Oxóssi	Verde	Mi	Mercúrio	4.ª-feira	Mercúrio	ar	4
Xangô	Marrom	Sol	Júpiter	5.ª-feira	Estanho	terra/fogo	5
Oxum	Amarelo-Ouro	Lá	Vênus	6.ª-feira	Cobre	água	6
Ogun	Vermelha	Dó	Marte	3.ª-feira	Ferro	/Ar/fogo terra/água	7
Nanã	Roxa	Si	Lua	2.ª-feira	Ouro Branco	ar/terra	11
Ossãe	Verde-Claro	Mi	Mercúrio	4.ª-feira	Mercúrio	água/terra	4
Iansã	Coral	Sol	Júpiter	5.ª-feira	Estanho e Cobre	ar/fogo	9
Oxumarê	Sete Cores	Sete Notas	—	6.ª-feira	—	água/ar	12
Ibeje	Rosa, Verde, Vermelha	—	—	3.ª-feira	—	ar	10

CADERNOS DE UMBANDA
(Omolubá)

É com grande satisfação que a Pallas Editora e Distribuidora entrega aos praticantes e estudiosos da Umbanda a segunda edição revista e ampliada dos **Cadernos de Umbanda**, de autoria do consagrado Omolubá.

Obra de caráter didático composta por quatro pequenos volumes, onde o leitor poderá encontrar informações valiosas sobre os orixás, caboclos, pretos-velhos e boiadeiros com suas cantigas, orações e símbolos, bem como informações sobre as origens da Umbanda e seus procedimentos rituais.

ISBN 85-347-0032-X

PEÇA LIVROS

UTILIZE-SE DE NOSSOS SERVIÇOS DE ATENDIMENTO PELO REEMBOLSO POSTAL.

Pallas - Editora e Distribuidora Ltda.
Rua Frederico de Albuquerque, 44 - Higienópolis
CEP 21050-840 - Rio de Janeiro - RJ
Tel.: 270-0186 - Fax (021) 590-6996

Para saber mais sobre a Umbanda

Maria Molambo
Omolubá
Cód. 2099

Orações Umbandistas
Ernesto Santana
Cód. 2070

Sacramentos da Umbanda
N.P. Tupinambá
Cód. 2032

Magia Branca da Umbanda
Marcos Scliar
Cód. 2114

Breviário de Magia, Encanto e Feitiço
O. de Freitas
Cód. 2035

Balangandãs e Figas da Bahia
M.H. Farelli
Cód. 2010

Yemanjá a Rainha do Mar
Ariomar Lacerda
Cód. 2070